



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

PRESIDENTE: EDIR SALES

TIPO DA REUNIÃO: Audiência Pública
LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo
DATA: 6 de dezembro de 2025

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Bom dia a todos e a todas. Na qualidade de Presidente da Comissão de Administração Pública, declaro abertos os trabalhos da 4ª audiência desta Comissão do ano de 2025, que tem como pauta a qualidade acústica da cidade e despoluição sonora, conforme Requerimento 33/2025, de autoria do Vereador Professor Toninho Vespoli, do PSOL, aprovado nesta Comissão.

Informo que esta reunião está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online; pela TV Câmara São Paulo, canal digital 8.3; e pelos canais da Câmara Municipal de São Paulo no YouTube e no Facebook.

O convite para esta audiência pública foi publicado no *Diário Oficial da Cidade* desde o dia 03 de dezembro de 2024.

Chamo, para compor a Mesa dos trabalhos, os Srs.: Fábio Cabral, da Associação Viva Pacaembu; Jupira Cauhy, integrante do movimento de moradores que sofrem com os impactos dos eventos realizados na Arena Allianz Parque; Barbara Oliveira, do Movimento Anhangabaú Sem Barulho; Tais, do Bixiga; Saul Nahmias, do Bom Retiro - Parque Tietê; Marcelo Aquilino, da Frente Cidadã pela Despoluição Sonora e Paulista Boa Para Todos. (Palmas)

Foram convidadas as seguintes autoridades: Fabricio Cobra Arbex, Secretário Municipal das Subprefeituras; Marcelo Vieira Salles, Subprefeito da Sé; Thomaz Miazaki de Toledo, Presidente da Companhia Ambiental do Estado de São Paulo - Cetesb; e Ana Luiza Costa Martins, representante da empresa Viva Vale Concessionária. (Pausa)

Bom, queremos lamentar que, para uma audiência pública aprovada pela Comissão de Administração Pública, chamamos as autoridades para conversar - até para que pudessem dar o seu ponto de vista e defenderem o que estão fazendo pela cidade -, mas acabaram não comparecendo. Isso é um desrespeito não só à população da cidade de São Paulo, mas também à Câmara Municipal. Esta não é uma iniciativa de um só Vereador, mas uma audiência pública aprovada, por requerimento, pela nossa Comissão. Mas tudo o que for gravado desta audiência será enviado ao Prefeito e a todas as autoridades que deveriam ter vindo, mas não vieram.

A primeira inscrita a falar é a Sra. Jupira.

A SRA. JUPIRA CAUHY - Bom dia a todos. Obrigada, Vereador, pela oportunidade de os movimentos estarem aqui hoje. E, não à toa, é muito significativo que nós estejamos em audiência pública com um gerador bem barulhento concorrendo conosco. (Palmas) Além do ruído, o cheiro do gerador. Nós pedimos duas vezes para ver se dava para desligar durante a audiência pública. Então fica o registro.

Sou do movimento de moradores que sofrem com os impactos dos eventos realizados na Arena Allianz Parque. Sou também conselheira do Conselho de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz da Lapa, dentro do qual temos um grupo de trabalho que trata da incomodidade por ruído relatada no nosso território. Também faço parte, com vários de vocês, da Frente Cidadã pela Despoluição Sonora.

Farei uma apresentação, Toninho, de alguns aspectos gerais comuns a todos nós e algumas coisas mais detalhadas daquele movimento que eu vim representar.

Trouxe algumas informações relacionadas à poluição sonora de eventos que estão sendo autorizados em áreas abertas, que eu estou chamando de áreas abertas.

Temos o estádio do Palmeiras, que é a Arena Allianz Parque; o Estádio do Pacaembu, que é municipal e tombado; o Morumbi, que é um estádio do São Paulo. E temos áreas públicas como o Vale do Anhangabaú, que é do povo, um vale também tombado. E a gente tem alguns parques, tanto municipais como estaduais na cidade de São Paulo, como o Ibirapuera, que é tombado, o Parque da Água Branca, o Parque Villa-Lobos e tantos outros parques que hoje estão recebendo eventos.

Vou falar rapidamente um pouquinho dos impactos de vizinhança, daquilo que venha representar, que é o que acontece num estádio de futebol, inaugurado em 2014, uma arena multiuso que tem dois administradores: para jogos, o Palmeiras, e para *shows*, a WTorre, por meio de uma empresa, a Real Arenas, que também é o mesmo grupo que faz a administração do Vale do Anhangabaú. Então são muito próximos os problemas que a gente sofre.

Trago a vocês uma questão que eu considero importante. O entorno, a vizinhança

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 3 DE 59

fls. 6

vem sofrendo desde 2014 com uma poluição sonora que não é somente ruído ou som alto. A quantidade de eventos que são realizados neste lugar faz com que a gente fique permanentemente sofrendo desse mal-estar, desse prejuízo à nossa saúde.

Rapidamente, para vocês terem ideia, eu peguei dados dos quatro últimos anos. Em 2022, foram 58 eventos: 17 *shows* e 41 jogos. Em 2023, 70 eventos: 39 *shows* e 31 jogos. Em 2024, 79 eventos: 49 *shows* e 30 jogos. E em 2025, 68 eventos: 33 *shows* e 35 jogos.

Se em um ano nós temos 52 semanas, por essa totalização de eventos vocês notam que nós tivemos muitas vezes até 4 eventos na semana. A duração desses eventos geralmente vai além de duas horas, como o de hoje, que vai começar às 16 horas e vai terminar às 23h30. São festivais que, às vezes, começam às 11 e acabam às 23h30. Então, a população fica durante muitas horas e muitos dias, Vereador, com esse incômodo dentro de casa.

Por conta de tudo isso, nós, do entorno, temos uma ação civil pública desde 2010 relacionada aos impactos de vizinhança, lembrando que esses impactos não atingem somente a nós - como outros vão relatar -: temos milhares de milhares, dezenas de milhares de pessoas formando fila nas ruas durante o dia todo, muitas vezes na madrugada, muitas vezes acampados dias antes. Então tudo isso traz um impacto absurdo, porque a gente não chega em casa, a gente não sai de casa, a gente escuta o barulho o dia inteiro e é o espaço público privatizado como extensão da casa de eventos.

Nós temos inquérito civil sobre isso na 1ª Promotoria de Habitação e Urbanismo, e desde 2010, 2014 e 2023 foram vários inquéritos. Nós também temos inquérito na Promotoria de Meio Ambiente. Quero compartilhar isso com vocês. Na verdade, já estou fazendo um relato de tudo o que a gente já fez para além de só compartilhar o que a gente sofre com poluição sonora.

Então, pela Promotoria de Justiça de Meio Ambiente, já foram realizados em 2017 dois estudos pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em que ficou comprovado pela primeira vez que, sim, a gente sofre com poluição sonora, porque até então era mi-mi-mi de moradores. Esses dois estudos foram realizados pelo IPT, a pedido do Ministério Público. Foram feitas seis

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 4 DE 59

fls. 7

fiscalizações do PSIU em 11 anos a pedido do Ministério Público. Obviamente que essas fiscalizações geraram multas, porque em todas o ruído estava acima do volume permitido. E essas multas por excesso de ruído em 2017, 2022 e 2024 geraram dois fechamentos administrativos.

Então, Vereador, é importante saber que, pela lei, três multas geram fechamento administrativo, e só pode ser reaberto o bar, o restaurante ou a Arena Allianz Parque, o Estádio do Pacaembu ou qualquer outro estabelecimento que estiver provocando ruído em excesso se for resolvido o problema da geração de ruído. Houve dois fechamentos administrativos, mas o estabelecimento continua funcionando normalmente. Então a gente precisa olhar como a Prefeitura vem cuidando da sua fiscalização.

Também foi feito um Termo de Ajustamento de Conduta, assinado em outubro de 2022, em que a WTorre se comprometeu a ajustar a sua emissão sonora de acordo com a legislação vigente. Esse termo foi assinado em outubro de 2022 pela WTorre, pela Prefeitura, pelo Ministério Público, com a sociedade civil como testemunha, mas o Conselho Superior não homologou. E por quê? Vocês se lembram daquele jabuti da lei das *dark kitchens*? Uma semana depois, alteraram o limite de ruído. O Termo de Ajustamento de Conduta dizia que era para ajustar o limite de ruído de acordo com a legislação vigente. Quando a gente assinou o TAC, o limite máximo às 22 horas, que era de 50 decibéis, passou para 75 decibéis por causa do jabuti. Então o Conselho Superior não homologou o TAC.

É importante que a gente fale que há uma luta de todos nós que chega e bate na porta, bate na trave, porque sempre tem alguém com o poder da caneta que volta atrás em relação àquilo que a gente conquista. E até hoje, 11 anos depois de tudo isso, o som e o ruído dos *shows* continuam muito altos, e a gente tem, inclusive, outros aspectos de passagem de som.

Então quero falar um pouquinho daquilo que a gente aprendeu como problemas comuns, que passam por todos aqueles lugares, especialmente esses de eventos abertos, que dependem de um alvará de evento temporário emitido pela Prefeitura. Tanto para nós na

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 5 DE 59

fls. 8

vizinhança do Allianz Parque como no Pacaembu como para o entorno do Anhangabaú, do Morumbi e de tantos outros lugares, esses eventos ocorrem após a emissão de um alvará de evento temporário pela Prefeitura, pelo Contru, que é vinculado à Secretaria de Urbanismo e Licenciamento. Esse alvará diz para o produtor do evento o que ele pode fazer e ele relaciona um conjunto de leis que basicamente tratam da segurança do lugar. Esse alvará de evento temporário não estabelece nenhuma medida relacionada aos impactos de vizinhança. Por exemplo, ele dá a data do evento. Nós temos uma sequência de eventos consecutivos que retiram da população o direito de descanso nos finais de semana, durante a semana, nos feriados etc. Como eu relatei para vocês, se o ano tem 52 semanas e a gente teve 68 eventos, com certeza esses eventos também aconteceram em feriados e finais de ano, como no ano passado, com início no dia 31 de dezembro e término no dia 1º de janeiro. Então a gente precisa falar sobre essas datas.

Em relação à duração, o alvará estabelece horário de início e de término. Muitas vezes, o alvará da Prefeitura autoriza muitas horas de evento consecutivas durante o dia, durante a noite ou durante a madrugada, como é o caso do Vale do Anhangabaú. É abusiva a quantidade de tempo que a população é obrigada a passar com ruído e vibração. E no caso da vizinhança do Allianz Parque, além do som alto, existe a trepidação das janelas e os apartamentos que balançam. Então esse é um conjunto de incomodidades que extrapola não somente os limites de ruído estabelecidos na lei.

O alvará também diz sobre o limite de ruído estar de acordo ou com a Lei de Zoneamento, Quadro 4-B, ou com a Norma NBR. Agora, os alvarás passaram a estabelecer limite pela norma NBR, que é um pouquinho acima do Quadro 4-B. Mesmo estabelecido esse limite, mesmo declarando que eles vão acatar esses limites, o ruído extrapola, e muito, o limite autorizado. E não há fiscalização, o cumprimento é autodeclaratório, Vereador. E, aí, eu digo que vou cumprir esses limites, e fica por isso mesmo.

No caso de alvará de evento temporário, é o PSIU que fiscaliza. Ele só comparece quando o Ministério Público chama, quando comparece. Recentemente, foi solicitada medição,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 6 DE 59

fls. 9

e o PSIU não atendeu ao Ministério Público.

Há também os fogos de artifícios. O alvará cita que não pode haver queima de fogos na área interna, mas, como é uma área aberta, queimam-se fogos por bastante tempo, com ruídos muito altos, e isso não é fiscalizado. Esse alvará é emitido pela SMUL, pelo Contru. A fiscalização é feita pelo PSIU, que é a Secretaria de Subprefeituras, mas infelizmente não temos a representação deles aqui.

Assim, a gente identifica um conflito entre essas decisões. A Prefeitura que autoriza é a mesma que fiscaliza, é a mesma que dá o fechamento administrativo, é a mesma que altera a lei para reabrir o que ela mesma fechou. A gente tem um conjunto de problemas que não é fiscalizado, como a montagem e a desmontagem desses eventos, o ruído da montagem que bloqueia a rua, que fecha o Vale, a circulação das carretas durante a madrugada. O mesmo acontece na desmontagem. O alvará fala apenas sobre a duração do evento - por exemplo, das 16h às 23h -, mas não trata da montagem e da desmontagem, não trata da passagem de som, que é sempre muito acima, inclusive do *show*. Então a gente fica alguns dias da semana com aquela pressão no ouvido, com aquele ruído que extrapola todos os limites da passagem de som, que não é fiscalizada, que não consta do alvará.

Nós temos aglomeração nas ruas. Se vocês forem hoje na Água Branca, vão ver milhares de pessoas em filas desde antes das 6 horas da manhã, como também acontece aqui. Pessoas ocupam as ruas para filas, não há lugares, espaços adequados para acomodar o público. Então o espaço público é privatizado, ruas são fechadas, o trânsito desviado, pontos de ônibus são desativados, linhas de ônibus são desviadas para as filas desses empreendimentos que ganham milhões de reais em cada *show*. E o barulho dessas pessoas nas ruas incomoda bastante. Além disso, os fogos de artifício também não são fiscalizados. Então esses são os problemas comuns, e espero que hoje outros sejam também relatados pelos demais presentes.

Para finalizar, a gente pensa em soluções possíveis, também já compartilhadas com a Prefeitura e com o Ministério Público. Nada do que a gente está trazendo aqui é novidade nem para a Prefeitura, nem para a Câmara de Vereadores, nem para o Ministério Público, nem para

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 10

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 7 DE 59

nenhum de nós. Nada disso é novidade. A gente fala, repete e repete. Então a gente precisa de efetividade.

A Frente pela Despoluição traz uma novidade, que é juntar vários movimentos da cidade e dar bastante ênfase a tudo isso que prejudica a nossa saúde. O Marcelo vai falar melhor sobre isso, mas acho que isso é muito importante a gente dizer.

O que a Prefeitura pode ter de solução possível? Incorporar, no seu alvará, providências para evitar impactos durante a montagem, a desmontagem e a permanência de público.

Vou trazer soluções possíveis, porque não adianta eu dizer que não tem que ter o *show*, que não tem que ter o evento... essa é uma luta nossa. Enquanto o som e o evento estão acontecendo, existem possibilidades de mitigação.

Então incorporar nesse alvará... a gente tem que falar com a SMUL, com o Contru... eles têm que se responsabilizar para responsabilizar o promotor de evento, que ganha milhões de reais, para que ele assuma isso. Incluir, no alvará, também as regras e a fiscalização da passagem de som. Incluir, no alvará, regras e fiscalização da queima de fogos. Ou proíbe a queima de fogos ou, efetivamente, os fogos não têm que ter ruído, porque é próximo das nossas casas e a gente... não só eu, enquanto pessoa, mas também os animais e temos aqui pessoas que vão falar sobre isso... isso afeta muito a saúde de vários seres. Limitar a quantidade de eventos semanais e mensais e em datas comemorativas. Não dá para a gente ter essa quantidade de eventos absurda. Não dá. Não numa zona urbana, não numa zona residencial. Não dá para ter essa sequência de eventos. A Prefeitura tem que reduzir isso. É prejuízo para quem faz, para quem ganha dinheiro, mas é a favor da nossa saúde. Limitar a quantidade de horas de um mesmo evento. A gente acha que não dá para autorizar esses festivais que duram a madrugada inteira. Não é possível a Prefeitura autorizar isso. Eu estou dizendo que a Prefeitura, que tem que cuidar da população da cidade, que autoriza isso. Finalizar os eventos no máximo às 23h. Isso é possível. Jamais autorizar eventos de madrugada, como o que está acontecendo aqui no Anhangabaú.

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 8 DE 59

O Ministério Público e o Tribunal de Justiça, que têm vários inquéritos, várias ações, têm que, efetivamente, responsabilizar o crime. O que eu estou relatando é uma palavra pesada, mas é crime; é crime contra a nossa saúde, é crime contra a legislação. Então tem que responsabilizar a improbidade, a prevaricação... tem que ter responsabilização criminal por não cumprimento da legislação.

E, se o promotor estivesse aqui... e aí, Toninho, espero que você transmita, por favor... eu ia pedir ao promotor que, na Promotoria de Meio Ambiente, que tem inúmeros inquéritos relacionados à poluição sonora, e onde cada promotor pede para o PSIU, cada promotor busca resolver o problema de uma maneira..., a gente sugere que seria importante ter uma análise dos inquéritos com objetos comuns para ter ações comuns. Acho que isso vai fortalecer.

Paro por aqui, senão fico três dias falando.

Agradeço a oportunidade e eu sei que os demais vão completar o que eu falei.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - É importante o que a Jupira colocou aqui sobre o caso específico do Allianz, até porque a gente tem que perceber que, hoje, a poluição sonora é algo que tem que estar sendo discutido no mundo inteiro.

Inclusive, acho que é o segundo fator de poluição ambiental no mundo e isso tem impactos diretamente na saúde das pessoas. Como ela falou, não é mi mi mi, é ciência. Já tem estudos que comprovam que as pessoas podem ter problemas cardíacos ou outros problemas, inclusive problemas psicológicos, por conta do barulho.

E as pesquisas apontam que isso afeta todas as idades. As pessoas pensam que as crianças estão livres disso porque fazem barulho, mas não. Isso pode impactar, inclusive, na construção de conhecimento da unidade escolar, porque uma criança, quando está com problemas psicológicos, até afetada por conta do barulho, vai ter um rendimento menor na escola também.

Então essas questões têm que ser levadas em conta e têm que ser discutidas, porque nós, aqui na Câmara Municipal, enquanto representantes da sociedade, somos a favor da

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 12

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 9 DE 59

cultura, nós somos a favor de que a cidade tenha renda. O problema é que a economia não pode mandar em tudo. A gente não pode só pensar em dinheiro e em renda a todo custo. Então tem que ter normas para a gente conseguir viver socialmente.

E eu acho que a pessoa que deveria estar mais preocupada com isso é o Prefeito. Eu fico muito triste de ver... porque as ideias que passam aqui na cidade de São Paulo acabam sendo disseminadas para o Brasil afora. Então, se, aqui na cidade, há uma concepção do Prefeito de que barulho não é problema, que o que importa é só a renda e economia... e que nós somos a favor, mas tem que ter regras para que se tenha renda, se tenha emprego, para que a economia vá bem, mas que as pessoas possam viver na cidade. Não adianta ter uma economia se você nem conseguir viver na cidade.

E, mais ainda, há um problema de falta de diálogo. Por exemplo, os secretários que foram convidados não estarem aqui demonstra isso, mas a gente vê na imprensa o que o Prefeito fala. Dá uma caracterização, como a Jupira falou, de como se fosse um mi mi mi das pessoas. “Barulho existe em tudo o que é lugar”, “não tem problema ter barulho quando tem grandes eventos e shows”... e ele ainda tenta flexibilizar aqui na Câmara leis que limitam a questão do barulho.

E, mais que isso, não tem um número de fiscalização necessário na subprefeitura nem no PSIU. Nós só estamos com 35 agentes no PSIU para esta cidade de 12 milhões de pessoas. Quer dizer, os órgãos existem, mas já são constituídos para não funcionar.

A gente conversou com uma pessoa que gerencia o PSIU e ela falou, com todas as letras: “Vereador, a gente só atende pedido de vereador, Ministério Público e medida judicial. Todos os ‘156’ vão ficando lá na fila, porque nós não temos condição de atender”.

E isso não é culpa do PSIU e nem daqueles trabalhadores, porque o volume é muito grande. O problema é quem tem a caneta na mão não manda fazer mais concurso público e ter mais agentes fiscalizadores. Então a coisa é para não funcionar. E, aí, eu fico pensando: quando a Prefeitura e o Prefeito tentam flexibilizar as leis e não colocam os órgãos para funcionar, isso é premeditado, isso não é por acaso.

Então acho que é importante a gente discutir essas coisas, porque é uma leniência, por parte do Executivo, que as coisas continuem desse jeito, porque só pensa na economia. Nós somos a favor da economia, nós queremos emprego, mas não a todo custo, não a custo da doença das pessoas; não a custo da doença, principalmente, das nossas crianças, dos nossos idosos, desta cidade que, cada vez mais, está mudando a balança etária, com cada vez mais idosos... e a gente tem que ter cuidado com as pessoas.

Então, diante disso, é muito importante essa luta que está se fazendo aqui, o que a Jupira acabou de falar. Eu fico ainda mais estarecido com o fato de que a própria Prefeitura não segue as leis. Leis que são aprovadas nesta Casa, e que as instituições deveriam ser as primeiras a seguir. Infelizmente, não é isso o que acontece.

Bom, agora a gente vai ouvir a Barbara, do Anhangabaú Sem Barulho.

A SRA. BARBARA OLIVEIRA - Bom dia.

Eu sou a Barbara, moro aqui no Bixiga há 24 anos, há 31 anos em São Paulo. Eu venho representando o movimento Anhangabaú Sem Barulho, assim como a Tais, e também faço parte da Frente Cidadã pela Despoluição Sonora.

Eu preparei um texto escrito. Eu vou ler e vou contar uma breve história para vocês sobre esse espaço.

Quero agradecer ao Vereador pela oportunidade e a todos que estão presentes.

Gostaria de dizer que a gente está vindo aqui discutir, principalmente, um assunto de saúde pública.

Meu bairro está sendo afetado diretamente após a concessão de um espaço público para a exploração por interesses econômicos privados.

Esse de que falo é o Vale do Anhangabaú, que todos podemos ver daqui desta Câmara Municipal. O consórcio Viva o Vale está, desde 2021, com a concessão do Vale do Anhangabaú. Em seu modelo de negócios está a realização de grandes *shows*, principalmente de música eletrônica. São *shows* de longa duração e com altíssima capacidade de emissão sonora, capazes de gerar um alto grau de poluição sonora.

O fato de essa poluição sonora ser emitida do Anhangabaú faz com que ela se espalhe pelos vales do entorno: Avenida 9 de Julho, Vinte e Três de Maio, Prestes Maia, Centro velho e Centro novo, e atinja os edifícios residenciais dessas áreas, gerando transtornos capazes de afetar a saúde de milhares de pessoas.

Permitam-me lembrar um pouco da história do Anhangabaú e da ocupação deste importante vale.

Como podemos quase ver daqui da Câmara, o Rio Anhangabaú começa aos pés da Câmara, no terminal da Praça da Bandeira. Dali, a nossa esquerda, vem o Rio Saracura, hoje canalizado debaixo da Avenida 9 de Julho. Da nossa direita, vem o Rio Itororó, canalizado sob a Avenida 23 de Maio. E dali, do outro lado da rua Japurá, vem o Rio Bixiga.

Essas águas se encontravam e, na verdade, ainda se encontram, aqui, na Praça da Bandeira, e formam o Rio Anhangabaú. Ele segue em frente por esse vale que vemos daqui, acompanha o trajeto da Avenida Prestes Maia, faz um contorno e deságua no Rio Tamanduateí. E foi entre o Rio Tamanduateí e o Rio Anhangabaú que foi historicamente fundada a Vila de São Paulo.

Então nós estamos falando de um espaço fundador desta cidade, um espaço que, historicamente, é simbólico, é muito importante para que a gente conheça a história da cidade.

O Anhangabaú protegia os fundos da Vila São Paulo.

Mas, antes mesmo da chegada dos portugueses, no século XVI, aqui era o Anhangabaú, o Rio do Anhangá.

O Anhangá era um ser encantado que podia assumir várias formas, muitas vezes a forma de um cervo albino de olhos vermelhos. O Anhangá protegia os seres da floresta contra os maus caçadores, aqueles que matam sem necessidade, por prazer ou por ganância, contra todos aqueles que tentavam arrancar da natureza mais do que ela pode dar. Só os pajés desciam até as águas sagrada do Anhangabaú para fazer as suas cerimônias.

Com o passar dos séculos, o Vale comportou várias atividades, entre elas a plantação de chá. Entre o final do século XIX e o início do século XX, com o crescimento acelerado da cidade, o Vale se tornou um limite a ser rompido.

O Rio Anhangabaú é então canalizado, posto para baixo da terra. São construídos os viadutos do Chá e Santa Efigênia, cortando o Vale por cima. E a construção do Centro novo, à nossa esquerda. O Theatro Municipal é inaugurado como um chamariz para esse novo centro. O Vale é transformado em um parque ajardinado e se torna a atração principal de São Paulo, em desenvolvimento.

A partir de 1930, 1940 e 1950, a civilização do automóvel atropela a nossa cidade. É quando surge a ideia das avenidas de fundo de vale: canalizar os abundantes rios da cidade e colocá-los debaixo de ruas e avenidas, enterrando nossas águas e a vocação fluvial do nosso espaço.

Nesse período, aquilo que era o parque do Anhangabaú é rasgado por ruas, avenidas e túneis, tornando-se ponto central do eixo rodoviário norte-sul. Os pedestres haviam perdido espaço para os automóveis. Mas o Anhangabaú continuava sendo um ponto de encontro importante para a cidade. Em 1984, por exemplo, 1,5 milhão de pessoas se reuniram ali no famoso comício das Diretas Já.

É só entre as décadas de 80 e 90 que é criada a solução que hoje vemos: uma imensa laje construída entre os viadutos do Chá e Santa Efigênia, fazendo com que os carros passassem por dentro de túneis, enquanto os pedestres puderam recuperar seu espaço de convivência e de circulação, recriando o parque do Anhangabaú.

No ano de 2021, após dois anos de fechamento, e um custo de 105 milhões, a Prefeitura reinaugurou o parque reformado nos moldes que vemos hoje.

Faço essa breve retomada histórica para ilustrar a importância do Vale do Anhangabaú para a nossa cidade em diversos aspectos: estrutural, histórico, cultural, econômico e simbólico.

O Vale representa esta cidade. Quantas imagens, quantos pontos turísticos, quantas histórias de São Paulo têm o Vale como pano de fundo?

O Vale é a história viva de São Paulo. Tem a cara de São Paulo, tem a capacidade de abrigar nossa própria identidade em seus mais diversos aspectos.

Por isso, a cidade precisa do Vale vivo, ocupado, ativo, fervilhando de gente, de ideias, de alegria e de esperança.

Por isso, o Vale precisa ser um espaço de convivência que uma cidade como São Paulo precisa ter: aberto, criativo e democrático.

Mas vou dizer, agora, o que, atualmente, temos passado, enquanto moradores do entorno do Vale, nos últimos tempos.

O espaço foi entregue em 2021 à concessionária Viva o Vale para exploração por dez anos. Desde então, a Viva o Vale vem realizando eventos musicais privados, com ingressos que podem chegar a 1.200 reais, produzindo no Vale uma poluição sonora de alta intensidade, desrespeitando todos os níveis de ruído recomendados pela legislação e pelas sociedades médicas brasileiras e mundiais, e desrespeitando também as restrições de horário estipuladas pela Lei do PSIU, que determina que espaços abertos não podem funcionar durante a madrugada.

Vou citar um trecho da lei retirado do *site* da Prefeitura, que foi atualizado no dia 1º de dezembro deste ano. O artigo 147 determina que “os estabelecimentos que comercializem bebidas alcoólicas e que funcionem com portas e janelas ou quaisquer vãos abertos ou ainda utilizem terraços, varandas ou espaços assemelhados, bem como aqueles que, cujo funcionamento cause prejuízo ao sossego público, não poderão funcionar entre 1h e 5h”. Após a publicação dos decretos nº 57.665/17 e 57.666/17, este dispositivo passou a ser fiscalizado, principalmente, pelas subprefeituras.

O que apresento a vocês não é apenas um problema restrito a uma pequena vizinhança. Estou aqui representando uma grande quantidade de pessoas que residem nos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 17

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 14 DE 59

bairros da Sé, Brás, Luz, Consolação, Bela Vista, Liberdade e Bom Retiro. Todas afetadas pela poluição sonora causada pelos eventos da concessão Viva o Vale.

Somando a população desses bairros, são mais de 250 mil pessoas. Crianças, idosos, pessoas com comorbidades e todos os trabalhadores que chegam esgotados ao trabalho depois de não terem conseguido descansar nos finais de semana por causa do ruído excessivo produzido pelos eventos do novo Anhangabaú.

Durante o mês de maio de 2025, por exemplo, foram quatro, dos cinco finais de semana, com eventos atravessando as madrugadas e dois deles, por duas madrugadas consecutivas e o dia seguinte também, com o evento de 12 horas. Medimos mais de 70 decibéis dentro de nossas casas a quase dois quilômetros do Vale e com projeções de luzes fortíssimas que entravam em todos os cômodos. Nossos prédios foram usados como cenário das festas, anteparo para um *show* de luzes deles.

Além disso, o Vale ficou por mais de 20 dias fechado com tapumes. Eu acho que é bem mais de 20. Eu não achei exatamente essa informação, mas eu acho que foram 27 dias, de um mês de 31.

As mais de 250 mil pessoas que vivem nos arredores não tiveram um único final de semana de descanso.

E não são só as madrugadas. Sofremos com eventos de longa duração, tanto de noite quanto de dia. São eventos de 12 horas seguidas, com alto nível de poluição sonora, que não nos permitem ficar em casa sem sermos invadidos pelo alto volume e forte vibração das paredes e objetos.

E assim temos seguido. Todos os meses somos obrigados a não dormir e estamos adoecendo.

A Prefeitura e a concessionária sempre apresentam os pontos que julgam favoráveis à cidade neste tipo de negócio.

Gostaria de apresentar alguns argumentos, sob o ponto de vista de uma moradora da cidade. Todas as vezes que ouço dizer que esses eventos geram empregos, fico pensando

que esse argumento desconsidera os nossos empregos. Cada final de semana em que a gente é impedida de descansar, por conta da poluição sonora dos eventos, afeta diretamente a nossa vitalidade, saúde e, conseqüentemente, nosso rendimento no trabalho. Somos milhares de trabalhadores afetados e nós também somos geradores de renda para a cidade, pois investimos nossa vida, força de trabalho e recursos aqui. Eu, por exemplo, invisto no comércio, no transporte, no lazer, no mercado imobiliário, na vida noturna, na saúde. São investimentos em todas as áreas que a gente faz diariamente, aqui.

Recorrentemente, escuto que essa concessão tem a intenção de revitalizar o Centro. Porém, o que eu tenho visto é que ela está desvitalizando os moradores do entorno, e são sinônimos de desvitalizar: cansar, debilitar, enfraquecer, desvigorar, deprimir, esgotar, extenuar, prostrar. São inúmeros os relatos de pessoas que, desde o início desses eventos, passaram a sofrer de ansiedade, insônia e taquicardias e começaram a tomar remédios. Não podemos ficar com esse ônus em nossas vidas por causa de uma concessão malfeita, que está gerando poluição sonora que pode facilmente ser evitada. É um assunto que nos afeta diariamente. Então, realmente, ele vem com alguma emoção, para ser dito.

Também considero que o espaço público do Vale do Anhangabaú está desvitalizado, porque está impedido de ter uma vida espontânea. Você só pode estar lá quando a Viva o Vale permite ou pagando os altos ingressos. Nem fotografias mais podemos tirar lá, sem sermos abordados por seguranças. O que é que eles querem? Também privatizar a paisagem, os símbolos e a história da cidade? Eu proponho, até, depois, que a gente pense em fazer um “fotografo”, lá, porque os fotógrafos não podem mais tirar foto, nem na Praça Ramos, nem no Vale, nem em qualquer parte da concessão, que a gente nem fica sabendo exatamente onde é, mas, se alguém tenta fotografar, chega um segurança e tenta impedir.

Ao dizer que esses eventos fomentam o turismo, precisamos perceber que se trata de um turismo específico para o público de música eletrônica. Em contrapartida, no entanto, o Vale fica intransitável e inacessível. Se alguém vem conhecer a cidade e visitar o Centro histórico, tem grandes chances de só ver tapumes cercando tudo. Eu, como professora,

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 16 DE 59

presenciei uma turma vindo visitar, conhecer o Centro, para estudar a cidade, e não conseguiu ver nada do Vale do Anhangabaú, porque ele estava inteiro tapumado - nem do Viaduto do Chá, nem de nenhum dos lados. Era só carro passando e tapume.

O consórcio Viva o Vale insiste em dizer que está seguindo o contrato firmado com a Prefeitura. Porém, tanto no contrato da concessão quanto nos alvarás emitidos pela Prefeitura, que a Jupira já trouxe para a gente, consta a obrigação do cumprimento da legislação prevista no Quadro 4-B, que define os parâmetros de incomodidade por zona. A empresa WTorre e todas do consórcio seguirão desrespeitando as leis e direitos? Mesmo conhecendo a lei do PSIU, a Prefeitura autoriza eventos na madrugada. A Prefeitura seguirá emitindo esses alvarás que desrespeitam a lei do PSIU?

Não podemos acreditar que nem a Prefeitura nem a WTorre e todas as empresas do consórcio teriam condições de alegar desconhecimento da lei. Se a lei do município não permite que haja eventos abertos durante as madrugadas, fica a impressão, então, de que a Prefeitura vendeu algo que não se pode vender e de que a concessionária, por sua vez, comprou algo que não se pode comprar, ou seja, o privilégio de não obedecer às leis.

Somos a favor de uma cidade pujante, com turismo, empregos, cultura, movimento, expressões artísticas, esporte e lazer. Precisamos garantir a toda a população o direito à saúde e a um meio ambiente equilibrado. Esperamos que esta audiência possa nos ajudar a encontrar a melhor forma de ocupar os espaços públicos e diminuir a poluição sonora a que estamos sujeitos atualmente.

Muito obrigada a todas e a todos pela atenção e oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Muito bem, Sra. Barbara. Inclusive, nosso mandato entrou no Ministério Público, por conta do Vale e do barulho. Nós tivemos uma audiência pública nesta semana e é engraçado que o pessoal representante do Viva o Vale fala assim: “Não, mas nós somos de diálogo. Nós os convidamos para estar aqui, inclusive, para dialogar com as pessoas. Eles não vieram para cá”. Então, assim, na frente do Ministério Público, parece um teatro, porque está tudo muito bem. Não há problema nenhum. Foi

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 17 DE 59

falado assim: “Nós somos de diálogo. Os nossos canais, inclusive, que recebem reclamação do povo, diminuíram. Então está tudo bem.” É quase falando, assim: “Por que vocês estão reclamando? Estão reclamando do quê?”

Assim, eu acho isso de uma cara de pau sem limite, mas, pelo menos, o promotor encaminhou que o PSIU vai ter de vir aqui. Vai ter de vir fiscalizar e eu espero que a gente consiga pressionar de tal jeito que a gente tenha que ter alguma vitória, porque, se a gente conseguir ter uma vitória em uma das partes da cidade, eu acho que pode fazer um efeito dominó. Então é muito importante para todas as outras.

Agora, nós vamos ouvir o Sr. Fábio, do Viva Pacaembu.

O SR. FÁBIO CABRAL - Bom dia. Meu nome é Fábio. Espero que vocês estejam ouvindo bem. A gente está num ambiente aberto. Muitos me conhecem como Fabinho. Estou como Presidente da Associação Viva Pacaembu que, no ano que vem, completa 25 anos. Mas, antes de abordar o tema da presente audiência, gostaria de dar boas-vindas aos membros da diretoria e do conselho, aos associados presentes, aos demais convidados que nos brindam com voz e prestígio, à Mesa, aos membros da Frente Cidadã pela Despoluição Sonora e ao seu idealizador, Marcelo Sando.

Também saúdo os Vereadores pela realização desta audiência pública. Em especial, agradeço ao mandato do Vereador Professor Toninho Vespoli, por atender ao clamor popular dos milhares de paulistanos reféns dos perturbadores do silêncio urbano. Então, Vereador, receba nosso profundo respeito.

Por fim, não menos importante, cumprimento vocês, no auditório, e os que nos assistem, remotamente. Recebam todos nossa gratidão e acolhimento.

O bairro do Pacaembu, como todos sabem, planejado pelo urbanista inglês Barry Parker, aos moldes das cidades-jardins, foi consolidado pela horizontalidade urbanística, majoritariamente residencial, sendo preservada, desde seu loteamento, a densa cobertura vegetal, características ambientais extraordinárias que o levaram a ser tombado em 1991. Figura até os dias de hoje entre os patrimônios mais importantes da cidade de São Paulo.

Contudo, o objeto da minha fala, nesta manhã, infelizmente, não é exaltar a satisfação que temos em usufruir dessa condição, direito conquistado por gerações anteriores. Pelo contrário. É declarar que estamos com risco de perdê-la, desde os impactos negativos e transtornos frequentes de poluição sonora que têm causado - não apenas ao bairro, mas a toda a região - os eventos autorizados pelo Poder Público municipal, tanto no Estádio do Pacaembu como dentro do complexo esportivo Paulo Machado de Carvalho e na praça Charles Miller, a que se situa defronte da entrada principal do estádio.

Minha linha de raciocínio não vai recair apenas sobre os efeitos negativos que a concessão do estádio causou ao bairro, como os quatro anos com ruídos de obras, dia e noite, os milhares de hectares de terras escavados, o rebaixamento do lençol freático, o desvio do curso do córrego Pacaembu, o fato de cimentarem inúmeras nascentes e minas d'água, de alterarem a geologia dos solos, de demolirem 90% do estádio e no lugar estarem construindo um prédio de 44 mil metros quadrados, com cinco andares e quatro subsolos em fundo de vale, além de uma transposição de ruas, um hotel e um *minishopping*.

Vou, entretanto, informar a vocês que estão sendo comercializados ali dez espaços para locação de eventos de diversos tamanhos, a contar com o gramado agora sintético. Ou seja, o autor do potencial simultâneo de uso do estádio, de todo o espaço, pode contemplar aproximadamente 65 mil pessoas e receber quatro milhões de visitantes ao ano, segundo dados e estimativas publicizadas na mídia.

Curiosamente, apesar das transformações urbanísticas mencionadas, a Prefeitura ardilosamente modificou o PDE para deixar de classificar a concessão do estádio como urbanística, pois, se fosse assim, haveria a obrigação, por lei, de formar um conselho gestor. Então do que se trata a concessão do Pacaembu? Serviços municipais de locação de espaço para eventos? Foi para isso que concederam o estádio municipal?

Trago a vocês outro dado alarmante: em 2005, foram autorizados, ao menos, 45 eventos entre estádio e complexo esportivo, sendo que cinco foram *shows* com quase dez horas de duração - isto é, sem considerar os eventos corporativos, os quais a concessionária não

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 22

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 19 DE 59

divulga. Não temos acesso às informações. Além disso, há aproximadamente mais 25 eventos de grande porte na Praça Charles Miller. Para o ano que vem, somente no estádio, estão previstos ao menos 80 e, se mantiverem os números de 2025 para a Praça, o bairro do Pacaembu poderá ter um evento a cada três dias em 2026 - isto é, se esses trabalhadores do setor não tomarem calote, como recentemente foi publicizado.

O impacto disso ao entorno residencial - ou seja, idosos, autistas, crianças, recém-nascidos - vem sendo devastador, inclusive, para animais silvestres. De forma recorrente, os eventos de todos os tamanhos e espécies acontecem em qualquer dia da semana, gravemente em período noturno. Além do evento em si, há o ruído proveniente de montagens, passagens de som e desmontagens. Nos grandes *shows* do estádio, também somos surpreendidos com a queima de fogos durante e ao final deles. Não raramente, os eventos do concessionário coincidem com outros de grande porte autorizados na Praça Charles Miller, que é o espaço administrado pela Prefeitura. Na prática, a população está sendo submetida a uma suruba de poluição sonora.

E se eu lhes disser que a gestão municipal recebeu aportes milionários para a respectiva campanha eleitoral, justamente das empresas ligadas aos setores de construção civil? Isso é de conhecimento público, por diversas matérias jornalísticas. E se eu lhes contar também que pelo menos três dessas grandes construtoras - é claro que com outra razão social - ganharam licitação para administrar os cinco maiores equipamentos e espaços públicos concedidos, onde esses mesmos eventos de grande porte acontecem? No popular, descobriram que entretenimento dá mais dinheiro que derrubar árvore, levantar parede e bater laje.

Fica evidente que há uma completa monopolização dos espaços públicos concedidos por usos privados e onerosos, impossibilitando que a população use esses locais, tornando, na prática, o direito à cidade inacessível aos usuários comuns e menos abastados ou até aos que não concordam em arcar com altas quantias para usufruir do que era - ou deveria ser - de acesso público.

O que vemos é a completa ausência de estudos de impacto de vizinhança,

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 20 DE 59

insuficiência da regulação do serviço prestado, desvio de finalidade de equipamentos desportivos, contratos de concessão desfavoráveis ao interesse público, precária fiscalização por órgãos competentes, bem como a falta de gestão democrática, de transparência e de diálogo com associações locais, sendo impostas condições com as quais não concordamos, contrariando o princípio da função social do território urbano e o direito ao sossego garantido pela Constituição.

O fato é que a cidade está sem controle. Está caótica. A população está adoecendo. Não importa aonde você esteja indo, sempre nos deparamos com o barulho de uma obra ou de uma adega ou de um bar ou de uma arena, com amplificação sonora ruidosa, grande parte em período noturno. O que todos eles têm em comum? Existe alguém autorizando ou não fiscalizando.

Por essa razão, senhores, precisamos nos posicionar. Não se trata de música que nos traz alegria ou êxtase. Não é sobre determinada manifestação cultural ou artística. Não se trata de garantia de empregos gerados por esse ou aquele setor da economia. Estamos falando da absoluta omissão de quem deveria justamente resguardar os direitos civis dos cidadãos, ao menos protegendo nosso sossego, nossa saúde, nossos parques, praças, estádios, vales. Nosso direito à cidade e ao meio ambiente equilibrado, como diz a Constituição, são direitos fundamentais ao cidadão.

Vejam, todos temos compromisso com o exercício da cidadania. A soberania do cidadão se faz pelo controle social. É através dos nossos representantes eleitos. Pessoalmente, eu não tenho nenhuma aspiração política. Eu deixo para quem tem estômago mais forte, mas, assim como grande parte de vocês, somos voluntários em nossas organizações civis. A cada evento ruidoso a que somos submetidos, perpetuam-se danos à saúde e a piora da qualidade de vida de milhares de cidadãos.

Eu encerro reproduzindo um comentário que li numa rede social, que dizia, mais ou menos, assim: “Quando as luzes se acendem lá dentro, a vida de quem mora ao redor se apaga”. Sinto que nos roubam tempo precioso. Eu, ela, ele, vocês, que nos assistem: nós não

escolhemos participar. Então, por que a municipalidade está nos impondo tal condição?

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - O consórcio Allegra, que ganhou a concessão, lá, do Pacaembu, está devendo, já, 17 milhões para 94 fornecedores. São 468 protestos em cartório contra a Allegra. A empresa que é líder do consórcio Allegra é a Progen, que participa de outro consórcio em que ela é líder, também. Ganhou, recentemente, e é ela que vai implementar o Parque do Campo de Marte.

Quer dizer, eu fico pensando como são essas concessões. Como são esses editais de concorrência? Se ela está devendo 17 milhões, como é que ela tem condições financeiras para ganhar uma licitação e implementar um parque? É para você ver como há muita coisa a ser esclarecida pelo município de São Paulo, pela Prefeitura.

A próxima é a Sra. Tais, do Bixiga.

A SRA. TAIS - Bom dia a todos. Obrigada pelo convite para estar representando não só o bairro em que eu nasci e em que eu moro, mas também o Anhangabaú Sem Barulho. Com a Barbara, nós e os vizinhos do entorno tentamos participar dessa movimentação, do que está acontecendo. Agradeço o convite do Marcelo, também, para fazer parte da Frente Cidadã pela Despoluição Sonora.

Eu estou aqui como uma munícipe, uma cidadã comum. Eu não sou uma pessoa superestudiosa, engajada nas questões. Isso, para mim, é um assunto novo. Então, peço desculpas se a minha fala não for tão profunda como a deles, mas eu moro naquele prédio desde março e, a partir de então, esse assunto começou a pulsar dentro de mim, justamente por conta dos eventos que começaram a acontecer no Anhangabaú.

Eu tenho uns vídeos, cujo som infelizmente não consigo reproduzir, mas eu acho que a gente fica falando muito e eu acho que é importante a gente escutar, ver e sentir a verdade do que acontece com a gente. Senão, parece que é isto: “Ah, é um monte de gente falando”. Não. Para quem quiser, posso compartilhar os vídeos. A gente tem o Instagram, que é o Anhangabaú Sem Barulho. Lá estão postados os vídeos também, e eu acho que dá para ter uma dimensão

de quem está dentro de casa.

O que eu quero trazer aqui, como pessoa, como humana, assim, é o que esses tipos de eventos fazem dentro do nosso corpo, a reação que a gente tem. Então algumas vezes em que aconteceram esses eventos na madrugada, dentro do meu apartamento esse som chega de uma forma violenta. Então a violência gera violência. Foram respostas violentas dentro do meu organismo. A gente tem outras pessoas do nosso coletivo, que também dizem a mesma coisa sobre essa reação. É muito preocupante que, além de trazer todos esses aspectos da saúde, ansiedade, depressão e todas as questões, que eu acho que nem estão aqui, provavelmente esse assunto é comum, sabemos do que estamos falando e o que queremos, mas que gerou dentro de mim uma reação violenta. Sou uma pessoa que tendo não ser, nem de praticar violência, mas nesses momentos, senti impulso violento e acho que isso é muito grave. Eu acho que isso é uma coisa, uma questão que precisamos trazer também por esse lado, porque se encontramos pessoas que não conseguem se controlar, pode, sim, gerar violência. Isso é uma das coisas que podemos trazer como pensamento.

Como todos dizem aqui, todos nós, inclusive eu, trabalho com cultura, estou com colegas do meu bairro que fazem cultura no bairro do Bixiga e não somos contra a arte, a cultura, a expressão artística. Só queremos entender, a partir do ponto de vista da Prefeitura, que está em todos os canais publicitários, trazendo a informação de que hoje a cidade é uma das maiores cidades em potência cultural, atraindo turismo, como já foi dito, como todo mundo sabe.

É maravilhoso? Sim, tomo mundo sabe. Amo meu bairro. Eu sou uma das pessoas que também faço um evento no meu bairro. Inclusive dentro dessa fala, hoje, acabo de aprender uma questão. Sou, continuo a história do meu avô, pois ele fazia o bolo do Bixiga no aniversário de São Paulo. Hoje sou uma pessoa que continua trazendo esse evento para o nosso bairro, e fazemos montagem a partir das 5 da manhã, do palco, e é um barulho infernal e sempre me questioneei, falei: “Gente, as pessoas estão dormindo e estamos aqui montando isso, não é?” Apesar de colocarmos a sinalização na rua uma semana antes, todas as pessoas ali do entorno sabem que aquele evento específico vai acontecer. Mas mesmo assim eu me sinto, coloco-me

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 26

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 23 DE 59

no lugar do outro, do que são aquelas ferragens batendo no chão sendo montadas e as pessoas que montam também, assim, sem noção nenhuma de que aquilo está intervindo e está entrando na casa das pessoas.

A partir de agora, o próximo evento, que é dia 20 de janeiro, já vou olhar com outros olhos: “Opa, espera aí, será que dá para mudar um pouquinho o horário? Será que essa montagem pode ser feita de uma outra forma?” Porque, aí, esse é o ponto de vista do produtor do evento, pois aqui estamos como cidadãos, como coletivos e tal, mas quem são esses produtores de eventos que estão fazendo isso e que podem, sim, mudar o pensamento de como esses eventos são feitos? Falo isso por mim que sou uma pessoa que faz isso também.

Trago aqui uma outra curiosidade, e tudo do ponto de vista pessoal, porque acho que traz mais verdade... Eu estava fazendo um trabalho recentemente e uma das pessoas com quem eu estava trabalhando tem uma relação direta com WTorre, e foi quando aconteceu a coisa do Anhangabaú. A TV Globo fez uma matéria, em que fui entrevistada, apareci, e essa pessoa me perguntou: “Nossa, o que está acontecendo?” Eu falei: “Pois é, está acontecendo isso, isso, isso”. Eu fui entender que ele tinha uma relação direta com a WTorre depois e, aí, eu perguntei para ele: “No seu caso, se você morasse nesse lugar e tivesse acontecendo isso com você, o que você faria?” Posso dizer até que ele é sócio da WTorre. Ele me respondeu: “Eu faria a mesma coisa que vocês estão fazendo”.

Então deixo essa indagação para essas empresas que estão fazendo isso, que sabem o que causam, porém não são afetadas diretamente porque, provavelmente, moram em áreas isoladas, longe, silenciosas, protegidas: por que vocês fazem isso conosco? Por que vocês estão fazendo isso com a população? São perguntas em que você se coloca no lugar, por um segundo, e fala “É, realmente eu faria a mesma coisa que vocês estão fazendo”. Então o negócio é grave.

A minha pergunta é sobre a cidade que construímos. Acho primeiro um absurdo estarmos aqui, neste momento, fazendo isso, em 2025, século XXI, com tanto desenvolvimento humano e tecnológico, porque temos que voltar e ficar discutindo e reclamando o tempo inteiro,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 27

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 24 DE 59

dentro de uma cidade, uma das maiores cidades da América Latina, sobre esse assunto. Isso, para mim, é algo desgastante ficar trazendo para um Vereador, que poderia cuidar de outras pautas, mas parece que tem que voltar atrás. Então parece que tem que acontecer tudo isso. E fica todo mundo olhando e falando “Vamos fazer, vamos fazer, vamos ver o que acontece”, enquanto eles estão lá reivindicando, fazendo coletivo, fazendo cartinha, vindo num sábado de manhã reivindicar. Estamos aqui fazendo, pois na hora que o Ministério Público proibir, beleza, paramos tudo e voltamos a fazer o que sabemos como tem que ser feito, de forma organizada, pensando nas pessoas, nos moradores, na saúde e tal.

Uma outra questão sobre esses eventos que acontecem no Anhangabaú, que é um absurdo: uma mesma festa que aconteceu aqui até às 6 da manhã, da qual não dormimos, aconteceu em Curitiba, só que não no mesmo horário, porque Curitiba não permite essas festas na madrugada. São questionamentos, dúvidas. Parece que somos tratados como tontos, não é?

Por enquanto, é isso. Deixo minha fala e mais questionamentos sobre uma coisa objetiva.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - O que a Tais fala é bastante importante, porque, como eu falei também inicialmente, ninguém é contra a cultura. Tanto é que, por exemplo, se pegarmos o estádio do Corinthians, não vejo ninguém aqui reclamar. Atuamos em toda a cidade, moro na zona Leste. As casas não estão perto. Tem como fazer grandes eventos, grandes *shows* na cidade, sem causar transtorno para a população. O que não dá é ter shows em estádio que tem um monte de prédio em volta. Não tem como, não é, gente?

Acho que a Tais deu uma ideia legal quando falou assim: “Quando conversei com um quase sócio da WTorre, perguntei o que ele faria?” Eu acho que vou pegar um medidor de decibéis e vou lá em Interlagos, pertinho da casa do Prefeito e medir. Não estou brincando, vou fazer isso. Vou também depois medir aqui no Vale, quando tiver *show* e, depois, lá no Pacaembu, no Allianz Parque, porque é fácil falar para as pessoas sobre barulho quando está tudo bem. Mas eu tenho certeza que lá em Interlagos, pertinho da casa dele, vamos ter um silêncio danado. Quem sabe ele topa mudar de residência com as pessoas?

A SRA. TAIS - Rapidinho. Só uma coisa que era importante eu falar, que a questão da liberação desses eventos na madrugada. O que estamos sofrendo no bairro é que os bares na madrugada se sentem na liberdade de fazerem suas festas nas ruas. Então, na verdade, fiquei muito em um outro lugar. Mas trazendo Bixiga para cá, posso dizer que as pessoas estão sofrendo muito com as festas nas ruas e muitos de nós estamos adoecendo. Também estou trazendo essa fala dos moradores, porque eu acho que é uma ação “Ali libera, então ali também me sinto no direito de liberar minha festa”. Isso é bem grave.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Então fica o convite. Vou colocar nas minhas redes sociais, quando eu for lá perto da casa do Sr. Prefeito, quem quiser ir comigo, vai estar convidado.

Agora é o Sr. Saul, do Bom Retiro.

O SR. SAUL NAHMIAs - Bom dia a todos, vou tentar ser bem breve, porque sei que os senhores que vieram aqui, de manhã.... Aliás, parabéns a todos vocês que vieram sábado de manhã, aqui, para participar desta audiência, que é importante. Agradeço também ao nobre Vereador Toninho Vespoli pela iniciativa, por estar nos acolhendo aqui. É importante que os senhores falem.

O nosso ponto é a questão do que era o antigo Clube de Regatas Tietê, que agora virou o Clube Esportivo Tietê. O que acontece? Em 1907, ele foi criado. Era um clube privado e ele foi municipalizado a partir de 2012. Até 2014 foi feita a reforma e ele se tornou um parque municipal, que é o Centro Esportivo Tietê, o que é ótimo. É um ganho para a população ter um espaço para fazer esporte, para lazer, enfim. O problema foi quando começou, como os demais já colocaram muito bem, a ser utilizado para fazer eventos privados de *show*, e o que acontece? Há habitantes ao redor. Parece que não há nada, mas há em torno do parque, e há uma poluição sonora muito grande. Até uma vez um produtor, curiosamente, entrou em contato comigo, pois ele ia fazer um espetáculo, um evento no parque, para saber como ele poderia posicionar as caixas para ter menos danos para os moradores. Foi a única vez que um produtor veio

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 26 DE 59

espontaneamente entrar em contato conosco. Achei muito curioso, mas depois nunca mais entraram.

Além da perturbação, da poluição sonora causada que pega no local, há, inclusive, gente que mora distante, por exemplo, na Barra Funda, e que também se incomoda com o barulho. Às vezes, dependendo do posicionamento das caixas, eu também sou, às vezes, atingido até pelo som do Anhangabaú. Dependendo do evento, de madrugada, eu escuto. O barulho chega até o Bom Retiro.

Em relação a essa questão da poluição sonora, acho muito importante a Prefeitura... Quer dizer, estamos pedindo... Como eu sempre falo, estamos vivendo a era do “eventismo”. Tudo tem que ter evento, até um parque, que supostamente é só para as pessoas terem um lazer, uma atividade esportiva e poderem contemplar um pouco o silêncio da natureza, não tem silêncio porque há, nesses locais, eventos extremamente ruidosos. A população também fica privada nesses eventos, porque ocorre como no Anhangabaú, tudo é “tapumado”. Ninguém pode ter acesso ao parque. Quando tem eventos privados e não tem, as pessoas ficam sem um espaço para lazer e, ao mesmo tempo, ganham uma emissão de poluição sonora.

O que eu queria falar era isso. Acho que já foi colocada muito bem essa questão de como a poluição sonora afeta a saúde. Foi muito bem colocado, no documentário que ajudei a fazer, pelo Marcelo, ele que teve uma ótima iniciativa de falar que isso é questão de saúde.

E vou terminar dizendo que a questão, inicialmente, para resolvermos isso, há uma coisa ao alcance da mão, que é como o Marcelo Aquilino falou do IPT, a questão do volume. Temos o botão de volume e a adequação desse volume aos eventos. Ele faz com que eles possam acontecer sem que incomode as pessoas.

Muito obrigado. Era isso que eu queria colocar.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Agora, vamos escutar o Sr. Marcelo. Durante a fala dele, teremos algumas inscrições, ainda estarão abertas, mas quando ele acabar, estarão encerradas. Então quem quiser ainda se inscrever, fique à vontade. Quem quiser se inscrever, é com o rapaz aqui à direita.

O Marcelo vai dar a contribuição dele sobre toda essa questão e acho que é importante a iniciativa que tomaram de fazer uma frente na cidade, porque estamos falando de saúde pública. Parabéns, Marcelo, pela iniciativa e agora vamos para a sua colaboração.

O SR. MARCELO - Boa tarde a todos. Já passamos agora do meio-dia.

Acredito que é muito importante estarmos fazendo esta audiência pública em um espaço aberto dentro da Câmara, mas num espaço vazado e aberto, porque temos aqui tematicamente o problema da poluição sonora urbana invadindo uma audiência pública. Acho que é importante estarmos com um gerador ligado do nosso lado, desde o início da audiência...Olha, desligaram? É isso? Agora, vejam o alívio. Às vezes só percebemos a incomodidade quando ela acaba, não é? Isso é interessante, um ruído que estávamos com o gerador, temos helicópteros passando, ambulância, temos as motos que passaram diversas vezes com escapamento adulterado. Estamos num espaço vazado, aberto, semiaberto e esse foi o grande objetivo de uma audiência pública para refletir as questões de como o som tem afetado a população por causa de eventos realizados em áreas abertas ou semiabertas dentro da cidade, sejam elas privadas ou sejam elas públicas, concedidas.

O som não respeita a lei municipal, a lei federal, a lei estadual. O som respeita as leis da física, e estas deixam claro que o som se propaga de uma forma determinada, pré-determinada exatamente por essa ciência que é a acústica, que vai estudar essa questão. Nós temos um sério problema, hoje, quando falamos de poluição sonora, que é uma falta de conhecimento da população sobre os efeitos dessa poluição sonora na saúde humana.

Recentemente, no dia primeiro de dezembro, lançamos um documentário que está aberto no YouTube, está aberto no nosso *site* despoluicaoosonora.org. O nome do documentário é *Onde o som ressoa*. Nesse documentário, entrevistamos uma série de médicos e autoridades da área da saúde pública para, de fato, falarem sobre os impactos da poluição sonora na saúde humana. O som ressoa no nosso corpo, no nosso sistema nervoso central, tem impactos, e ele mata silenciosamente. Ironicamente, o barulho mata silenciosamente. O problema da poluição sonora é hoje reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como segundo fator de risco

ambiental mais prejudicial para a saúde humana. Ele está à frente da poluição da água e ele só está atrás da poluição do ar.

Só que nos próximos anos, já que temos agora uma política nacional de qualidade do ar, já que estamos mudando as frotas de transporte para matrizes energéticas, já que estamos agora tentando resolver a questão das motos adulteradas, a poluição do ar provavelmente vai cair para o segundo pior tipo de poluição.

O pior tipo de poluição que afeta a saúde humana vai ser, em breve, a poluição sonora. Isso é um problema mundial. Não é algo exclusivo da cidade de São Paulo. Só que, na cidade de São Paulo, estamos vivendo, além de uma normalização do barulho, uma tentativa de normatização do barulho, de permitir que isso aconteça de forma indiscriminada.

A poluição sonora, ao contrário do que a maior parte das pessoas possa acreditar ou entender ou achar, o dano auditivo não é o principal. Não é o auditivo, não é tanto a questão auditiva. Para a questão auditiva, você precisa estar exposto por muito tempo a níveis muito elevados. Mas o pior problema da poluição sonora é o cardiovascular. A poluição sonora aumenta a resposta do nosso sistema nervoso central, liberação de adrenalina e de cortisol, aumentando o risco de desenvolver hipertensão arterial, que aumenta as chances de ter um infarto ou um AVC, que é a principal causa de morte no Brasil e no mundo.

Não estamos fazendo essa associação indireta do quanto as questões de riscos ambientais, de fatores ambientais deletérios para a saúde humana estão contribuindo para um adoecimento da nossa população, de forma geral. Isso também tem um efeito econômico. A inação em relação à poluição sonora tem o efeito econômico de uma sobrecarga do Sistema Único de Saúde. Nós estamos tratando doenças completamente evitáveis se nós não estivéssemos expostos a níveis de pressão sonora tão elevados por tanto tempo, o tempo todo. Quando a gente fala que a cidade de São Paulo não dorme, significa dizer que a cidade de São Paulo está doente. Não dormir causa um adoecimento crônico, leva a doenças que reduzem a nossa expectativa de vida. Existe um estudo feito em 2025, pela Agência Europeia do Ambiente, que calcula que na Europa Ocidental são perdidas 1,6 milhão de vidas saudáveis para o ruído.

Isso significa que as pessoas estão morrendo precocemente por conta da exposição a esses níveis elevados de pressão sonora.

O problema do ruído hoje está associado à maior incidência de diabetes tipo 2, alta do colesterol - para além dos eventos cardiovasculares como hipertensão arterial -, déficit cognitivo em crianças, aumento da chance de desenvolvimento de demência senil e Mal de Alzheimer e até impotência sexual. Nós estamos com um quadro de efeitos deletérios não só para a saúde física, mas também para a saúde mental. A poluição sonora está associada ao aumento dos índices de ansiedade, de depressão e até de ideação suicida. Isso é grave? Isso é muito grave.

Nós estamos expostos hoje, na cidade de São Paulo, à maior taxa de poluição sonora do mundo. Hoje, a cidade de São Paulo é a cidade no mundo - acima de Nova Iorque, acima de Hong Kong - com a maior taxa de poluição sonora. E isso aconteceu também muito por conta do avanço das tecnologias de amplificação. Nós tivemos, pós-pandemia, um avanço dessas tecnologias, um barateamento dessas tecnologias, e hoje nós temos caixas de som muito potentes a um valor bastante acessível, o que fez com que, por exemplo, nós tivéssemos um efeito muito concreto na vida das 6 mil pessoas que vivem na Avenida Paulista, por conta desse uso de amplificação de forma indiscriminada. A Avenida Paulista é um cânion urbano com prédios espelhados dos dois lados, por onde o som reverbera, sobe e se expande, se mistura; e nela temos 6 mil pessoas expostas aos domingos e feriados a níveis de pressão sonora assustadores.

A ideia do programa Ruas Abertas era exatamente tirar o barulho do trânsito, tirar os carros e os ônibus para que a população de São Paulo pudesse apreciar a convivência urbana sem o barulho dos carros, sem o barulho do trânsito e pudesse ter atividades de lazer, de esporte e para que as pessoas pudessem andar de bicicleta. Essa era a ideia. Só que ao longo dos últimos anos, principalmente pós-pandemia, nós vimos uma explosão de atividades culturais na Avenida Paulista acontecendo em frente a prédios residenciais de forma indiscriminada, sem nenhum tipo de fiscalização das subprefeituras, sem nenhum tipo de mediação de conflito entre

subprefeituras, Secretaria de Cultura, Secretaria das Subprefeituras e moradores. Isso gerou uma crise de saúde pública na população residente da Avenida Paulista, composta de muitos idosos, pessoas com transtorno do espectro autista, crianças, gestantes. Existe uma população muito afetada.

Foi por conta do caso da Paulista que conseguimos montar um parecer jurídico com a Fundação Getúlio Vargas, um parecer médico com a Faculdade de Medicina e Saúde Pública da USP, um parecer psicológico feito por uma instituição de psicólogos, além dos estudos acústicos. Nós temos uma ata notarial com uma perícia judicial. Temos uma série de coisas dentro da Avenida Paulista, vários estudos acústicos. Pegamos tudo isso e levamos para a Prefeitura.

Mesmo com toda a parte científica, médica, jurídica posta, nós não conseguimos resolver o problema ainda da Avenida Paulista, mesmo com 8 meses de movimento e mais de 10 anos de atuação do MOV Paulista. Foi nesse momento que o pessoal do Anhangabaú foi até a subprefeitura para falar: “Nós estamos com um problema com o ruído e com o barulho do Anhangabaú”. Na subprefeitura disseram: “Você já falou com o Marcelo?”, e ligaram para mim nessa reunião para dizer que seria interessante o pessoal do Anhangabaú conversar com o pessoal da Paulista, que está sofrendo o mesmo problema. Foi nesse momento que os dois movimentos se encontraram, Paulista e Anhangabaú, e surgiu a ideia de se criar a Frente Cidadã pela Despoluição Sonora, que começou em São Paulo e hoje é um movimento nacional.

Começamos com o Anhangabaú, depois entrou Pacaembu, Bixiga, Allianz Parque, zona Oeste, Ipiranga, Bom Retiro. Vários movimentos de moradores se reuniram, exatamente porque, isoladamente, nós não estávamos conseguindo avançar com essa pauta dentro da Prefeitura Municipal. O movimento se expandiu e hoje tem o apoio de várias sociedades médicas. Nós estamos com o apoio da Sociedade Brasileira de Cardiologia, da Associação Brasileira de Medicina do Sono, da Academia Brasileira de Acústica, da Sociedade Brasileira de Acústica, da Academia Brasileira de Audiologia e de uma série de entidades médicas e científicas que se juntaram a nós para que possamos avançar com essa pauta da poluição sonora como um

problema e uma crise de saúde pública.

E já que dentro do âmbito municipal existe uma dificuldade de se criar uma política municipal de despoluição sonora, recentemente a Frente Cidadã vem fazendo uma série de missões em Brasília. Fomos ao Congresso Nacional e estamos agora em vias de protocolar um projeto de lei sobre uma política nacional de despoluição sonora.

Tive reuniões recentes com o Ministério da Saúde. Estamos encaminhando para o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério das Cidades. Tive uma reunião com a Organização Mundial da Saúde recentemente. A ideia é trazer para o Brasil e para São Paulo essa reflexão de que nós não queremos morar num parque temático, não queremos viver numa cidade que entende o turismo e entende o turista como um cliente a ser atendido, mas que não entende que a cidade existe para que pessoas vivam nela. A cidade tem que ser boa para os moradores primeiro e depois para todos, não é? Essa é a grande ideia da Frente Cidadã.

Deixo aqui só o convite para que todos entrem no *site* www.despoluicaosonora.org. Lá tem uma aula sobre acústica com os pesquisadores do IPT, tem os documentários, tem uma série de materiais que podem ajudar bastante a gente a elevar esse debate para o nível técnico, para o nível da ciência, para o nível da medicina. O barulho não é uma questão de pura incomodidade, ele está adoecendo a todos. E, parafraseando Jiddu Krishnamurti, não é um sinal de saúde estar bem adaptado a uma sociedade doente. Nós estamos vivendo num estado de adoecimento crônico, que precisa mudar rapidamente, com urgência. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Agora vamos aos inscitos. O primeiro é o João Moreirão, que falará por três minutos. Aquele rapaz de óculos vai erguer a placa de “concluir”. Ele estava erguendo para todos nós.

O SR. JOÃO MOREIRÃO - Primeiro, quero fazer uma denúncia. O Presidente desta Casa, o responsável desta Casa está cometendo crime de poluição sonora. Essa porcaria aí que existe para alimentar aquele negócio modelo TikTok, que é de mau gosto, incomoda todos os moradores desses prédios, que não descansam. Eu tenho um gerador distante do meu apartamento bem mais do que esse. Quando ele liga, porque falta luz - e lá falta muito a luz, falta

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 35

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 32 DE 59

quando chove e falta quando não chove, mas deveria ter chovido, segundo a Enel -, ninguém consegue dormir. Os andares mais baixos têm problema do cheiro, e o meu tem o problema do barulho. Então eu já estou denunciando. E, por favor, encaminhem, porque o Prefeito poderia ter feito até uma decoração de bom gosto, silenciosa, sem isso, sem essa poluição aí, tá?

Sobre a questão que vocês falaram, dos *shows*, eu sou produtor cultural, minha mulher é pianista, e eu afirmo a vocês: música boa não é música alta. (Palmas)

Isso que vemos acontecer no Anhangabaú e no Allianz Parque - tirando alguns casos excepcionais do Allianz Parque, em que há músicos que vão para lá e não incomodam tanto quanto os outros -, são eventos com uma estética cabaré, que têm o mesmo grau de alienação da fala do Prefeito, quando diz: "Por que vocês são contra? Vocês não gostam de *shows*? ". Eu gosto, ele é que não gosta. Essa é a questão. Como diz o Vereador, se ele tivesse isso perto da casa dele, certamente não iria gostar. Essa é a questão.

O senhor teve uma ideia que eu já havia tido, só que eu iria com uma caixa de som poderosa no meu carro para chegar lá e ligar e ficar falando com ele. Agora, o senhor me convida, que eu vou lá. Aí, o senhor vai embora, e eu ligo a caixa de som.

É muita população incomodada, sem conseguir descansar. Eu confesso a vocês que vim para cá com duas horas de sono, porque chega o final de semana e é um desespero. Já tentei até dormir na área de serviço, mas nem lá eu conseguia ter silêncio, entendem? Vim para cá com duas horas de sono. Vou tentar dormir agora à tarde, se deixarem.

Falaram dos barzinhos que fazem música na rua. Quando não fazem na rua, fazem na laje ou fazem dentro e incomodam, porque não têm as condições para fazer. Mas o problema é o seguinte - eu falei e repito -: o grande crime precisa de uma generalização do pequeno crime para poder existir. E o Prefeito é o grande criminoso - e essa é a palavra certa - ambiental. Então eles não tomam absolutamente nenhuma providência. Estão felizes com a proliferação do pequeno crime ambiental, sonoro, de bar, de clube, de não sei o quê, porque eles precisam desse universo para ganhar dinheiro.

Vamos parar com essa balela de que gera economia de turismo. Eu fiz um

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 36

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 33 DE 59

levantamento no Sindicato dos Hotéis, e não houve aumento de contratação de quartos. O pessoal que vai a *show* aqui, se não houver o evento, vai gastar o dinheiro em cerveja no bar perto de casa, com os amigos. Não há aumento do aluguel de quartos de hotéis. Quanto tem evento no Allianz Parque, quando tem no Anhangabaú, quando tem no Canindé - que é longe, mas não me deixa dormir na Casa Verde nem no Bom Retiro -, não aumenta o número de quartos de hotel alugados. Então não tem essa história do turismo. Não posso dizer oficialmente de outros aumentos. Essa é a questão.

É um absurdo que a gente tenha uma cidade com esse nível de poluição sonora sem que haja fiscalização. Se eu passar com o meu carro com excesso de velocidade, sou multado. Quantos motoqueiros já não passaram aqui com escapamento aberto? Essa é a questão.

Seja na rua, seja dentro de bar, o mau exemplo prolifera. E a Prefeitura faz o quê? Se alguém cometeu um crime, matou outra pessoa, a justiça não diz: “Espera aí. Alguém filmou? Mediram o barulho da bala?”. Não precisa disso. Agora, o cara faz o evento, vende ingresso nas redes sociais, anuncia. Mas, se não for lá o PSIU, não dá para provar que ele fez o evento. E o PSIU vai dias depois, durante a semana, que é para não ter nada. Essa é a questão. Na realidade, nós precisamos de uma legislação forte. Mas, acima de tudo, meu caro amigo Vereador Toninho, que esta Câmara fiscalize o Executivo e faça garantir a lei. Já temos normas, mas precisamos de uma legislação mais forte e que haja fiscalização. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próxima inscrita, Assuncion Blanco.

A SRA. ASSUNCION BLANCO - Boa tarde. Sou Assuncion Blanco, me inscrevi como sociedade civil, embora eu faça parte de outros coletivos, para lembrar a todos como a sociedade civil está abandonada. E como todos os colegas já falaram de todos os problemas, vim especialmente cobrar esta Casa Legislativa a função que ela tem para com a cidade. Lembro que nesta Casa foi feita uma conferência sobre ruído, anos atrás. Nos anais dessa conferência estão todos os dados. Tecnicamente, vocês têm todas as informações, fora o que já foi feito depois disso para cá. Então, material vocês têm, o que falta é atitude. A Câmara não está fazendo

sua função. Eu gostaria que o Vereador usasse a tribuna para lembrar aos outros 54 vereadores qual é a função deles e para lembrá-los de que eles abandonaram a sociedade.

Estamos todos à deriva. O mesmo problema que tem no Anhangabaú, nós temos no Pacaembu, porque lá é outro vale. Fundo de vale tem até uma legislação específica, porque o som se propaga. Então nós não estamos falando só daquele grupo que mora naquele lugar, que muitos acham privilegiado. Nós estamos falando de todo o entorno da cidade.

Quero lembrar também que privação de sono é a técnica mais antiga de tortura que existe. (Palmas) Então isso é um crime, e é a isso que vocês estão submetendo a sociedade. O Prefeito é o maior vilão dessa história. Legislação tem. O que nós não temos é fiscalização. Por isso, eu venho cobrar e pedir encarecidamente que o senhor lembre aos outros 54 vereadores qual é o trabalho que eles têm que fazer na cidade. Eu sou partidária da sugestão do Moreirão. Não é para a gente ficar medindo os decibéis na casa do Prefeito e nos outros lugares, mas para levar os decibéis desses outros lugares que ele autoriza para a porta do Prefeito e para a porta da casa da filha dele, que está com o nenezinho novo, para ver se ela também sente o que o resto da cidade sente. Então essa é a minha fala. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próxima inscrita, Rafaela Galletti.

A SRA. RAFAELA GALLETTI - Sr. Vereador, obrigada pela oportunidade de deixar a população vir à sua casa, que também é a nossa casa; porque quem nos representa são os edis. Agradecemos imensamente por mais esta oportunidade. Agradeço demais aos senhores da Mesa, nossos colegas de lutas e batalhas, e falo em nome de todos os que represento e os abnegados voluntários da cidade presentes.

Vejo diversas lideranças importantes dos quatro cantos da cidade: Norte, Sul, Leste Oeste, Centro. Cada um de nós aqui ou a maioria que conheço pessoalmente representa 10 mil, 15 mil, 100 mil habitantes. Jupira, presidentes de Consegs, Saul, Marta; vejo muitas pessoas conhecidas. Parece que somos poucos, mas representamos muitos.

Sou Presidente da Mov Paulista, que vem de um “movimentinho” que se chamava Sou Avenida Paulista, que falava só do eixo. Começou devagar, juntando pessoas em um grupo de WhatsApp de 16 pessoas, foi crescendo, fazendo reuniões e chegamos a ser formalizados em uma associação há uns seis anos. Esse problema ligado ao meio ambiente tem grande relevância, e sou incapaz de repetir, com a mesma propriedade do Marcelo, a fala sobre a Avenida Paulista e o ruído. Mas porque as coisas foram ficando grandes demais, imensas, nós fomos crescendo.

E a associação foi formalizada e hoje nós abrangemos desde a Santos, Jaú, passando pela Bela Vista, Cerqueira César, até a Praça Roosevelt, Higienópolis e Pacaembu. Então é uma grande região e não há pedacinho dela que não sofra com o ruído, seja do Paulista Aberta, seja do Pacaembu, seja com os eventos autorizados na Praça Roosevelt, o Rosewood e Cidade Matarazzo, que diz respeito a morador. Aliás, em algumas associações eu fui a advogada que entrou com a ação que impediu o túnel, o famoso problema lá. Porque as associações se ligam, nós nos unimos, os cidadãos precisam disso. Estou vendo aqui também nobres colegas de grande conhecimento jurídico que nos ajudam, que estão com a gente, além de fazerem parte das nossas associações.

Vejam o rumo que isso tomou. Em 2019, Vereador, Saul e outros líderes presentes, nós fizemos e protocolamos, nesta Casa, uma manifestação contra a poluição sonora na Cidade. E cadê o rumo desse manifesto? Era um manifesto contra a poluição sonora em que descrevíamos todos os grandes problemas. Cadê? Graças a esses mesmos atores, liderados agora também pelo Marcelo, nós estamos rumando para um outro nível, para uma outra onda.

Mas eu não quero mais, Vereador ver as intérpretes, a quem agradeço também... O pessoal da Derdic - que é aquela escola para surdos e pessoas com TEA, perto do Ibirapuera -, começou a receber, de repente, tucanos, miquinhos vindos do Ibirapuera. Eles estão sendo banidos por esses *shows*, por esses ruídos. Deve ter acontecido também em outros bairros. Eu não quero mais ver, no Parque Trianon, as aves migrarem para a Alameda Jaú, saindo do lado da Avenida Paulista. Fora todos os problemas de que todos da Mesa já falaram com muita

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 39

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 36 DE 59

propriedade e não preciso repetir.

Então, Vereador, pedimos providências. A cidade merece. Nós, associações, Consegs *etc.* estamos à disposição. Marcelo trouxe um estudo que não tenho elogios para entregar na mão dele, de tão importante que é. Precisamos providências imediatas. E, só para encerrar, falando nisso, Vereador: até hoje, desde 2014, esta cidade não cumpriu o seu Plano Diretor. Não tem plano aeroviário. Desde quando? (Palmas) Uma cidade que não tem seu plano aeroviário. Aí cai lá na CTLU, da qual sou conselheira, autorizaçãozinha individual para heliponto; e a cidade lotada de helipontos e nós não temos... É uma reivindicação que eu trouxe diretamente para o senhor. E do Fórum Verde, as reivindicações dos animais, de que sou parte também. Por favor. E esse helicóptero, se nós tivéssemos um plano aeroviário, como prevê a lei, a lei maior da cidade, não estaríamos com mais esse problema.

Obrigada. Desculpe estar inflamada e o alongado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próxima, Marta, do Conseg Consolação.

A SRA. MARTA LILIA PORTA - Boa tarde, munícipes. Boa tarde, Vereador. É uma honra estar frente a outro professor e à Mesa toda. Muito obrigada, Marcelo, pelas iniciativas.

Primeiro, rapidinho, memórias, senhores. Há quatro administrações que esta Cidade degringolou. Começou na era Haddad, com a cidade é nossa, a rua é nossa, a praça é nossa. Nossa para quê? Só para fazer barulho. A Praça Roosevelt, há quatro semanas, Ilmo. Vereador, está com autorizações da subprefeitura para eventos de som. Não pode ser evento de outra coisa, parece que o som tem que ser uma coisa inevitável, e assim acontece em outras regiões. E tem um regimento que pede, por favor, desde o Ministério Público, não ter eventos de grande porte durante um mês, apenas um - vão quatro. Isso por um lado.

Por outro lado, depois vem o Sr. Doria, o *top* na lista, devendo tudo. Depois, o finado Bruno Covas, que destruiu o PSIU. Saibam: foi da boca dele que saiu: "Não quero que fiscalizem bares nesta cidade". Foi ele mesmo. E agora a nova administração, que está fazendo de tudo para ficar no topo da lista das coisas malfeitas, na questão da saúde, porque parece que a

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 40

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 37 DE 59

Prefeitura está interessada em que todos estejamos doentes. Outra explicação não tem.

Uma coisa importante - o senhor é professor - é uma questão de educação nesta cidade. Precisamos de um plano para que toda a escola municipal tenha um projeto em que se ensine as crianças o dano que faz brigar aos gritos o tempo todo. Precisamos que as escolas façam como o Proerd, que ensina todo o mal que faz uma droga. Precisamos de um plano municipal nas escolas que ensine às crianças que gritar é ruim, que colocar o som alto é ruim. Porque se não começarmos na base, o senhor sabe, porque é um professor, isso vai continuar. Nossa luta não vai terminar nunca. Então precisamos que as escolas ensinem uma coisa tão fundamental como o respeito ao outro, que está faltando.

O Ministério Público, com raras exceções, esqueceu do público, é Ministério de não sei o quê, agora. Me desculpem, é com todo o respeito que falo. Engavetaram tudo o que era ruído do Carnaval de Rua há cinco anos, e nunca mais fomos chamados para nada. Como é possível que não tenha nenhum promotor preocupado com todos os problemas que ocasiona o Carnaval de Rua? Nós estamos pedindo para acabar com ele. Estamos pedindo que um trio elétrico não funcione a 200 decibéis. Não é possível.

Também é muito triste hoje ter que comemorar não que somos a cidade mais segura do mundo, que somos a cidade mais prospera do mundo: estamos comemorando que somos a cidade mais barulhenta do mundo. Parabéns para a Prefeitura. É isso, senhores.

Por último, uma chamada de atenção: cuidem dos Consegs. Estamos incomodando muito e já tem movimentos querendo desprestigiar os conselhos comunitários de segurança, dizendo que nós não temos condições de opinar sobre perturbação sonora. Vejam aonde chega a situação. Há dez anos que nós recebemos denúncias, mensalmente, de todo munícipe, do barulho na Cidade. E agora tem gente que está tentando minar nosso trabalho de mais de dez anos perante vocês.

Muito obrigada pela iniciativa. Estamos com você e, por favor, nos consulte ou nos chame para qualquer apoio que precisar. Muito obrigada e boa tarde para todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próxima, Juvercina. Depois,

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 38 DE 59

Daniel, se ele já quiser ficar mais perto.

A SRA. JUVERCINA - Boa tarde a todos.

Eu vou começar falando com o Vereador: qual a possibilidade de vocês obrigarem um estabelecimento comercial a fazer um isolamento acústico, para não deixar todo mundo enlouquecido? Eu tenho pedido, eu tenho implorado. O meu problema inicial é o bar que tem na Consolação, 480, esquina com a Teodoro Baima. Eu tenho CEP, tudo marcadinho, bonitinho, caso vocês precisem. Eles não têm respeito. Eram duas noites por semana, agora eles estão começando de quarta a domingo, não tem horário. Antes eles iam até madrugada. Graças... Onde está a Tenente Maura? Graças a ela, eles agora vão até 10h30, 11h, e reduziram bem o som. Eu e vizinhos já reclamamos no 156, no 190, que eles passam para uma máquina. Agora a máquina anda meio louca, que ela não entende mais. Você fala com ela, ela dá uma de besta e aí fica... sabe? Então está difícil. Eu não trabalho mais, mas tem muitos jovens que trabalham e reclamam desse barulho constante.

Não bastasse, há uns 15 dias, outro bar que tem na João Guimarães Rosa, 241, eu não sei a pronúncia certa, mas escreve m, a, m, a, d, i, *food*. O som era tão alto, tão alto que o coitado do bar que causa problema teve que desligar o dele, porque o outro sobressaía. Eles tiveram que desligar o som deles. Eu fui falar com a polícia. Tinha ali quatro policiais jovens, eles me disseram que não podiam fazer nada porque não tinham uma ordem superior para eles irem falar. E um dos policiais jovens me falou que ele não estava aguentando mais, mas era o local de trabalho dele e ele tinha que ficar.

Eu falei: vou para a GCM. Isso na Praça Roosevelt. Cheguei lá na GCM, eles me disseram que, como não tinha ordem superior, não podiam fazer nada. A hora que eu cheguei lá tinha uma pessoa jovem reclamando do barulho. Tudo bem, eu sou velha, mas ele não era. E a hora que eu estava saindo, outro jovem reclamando, e ninguém fez nada, exatamente nada. Então se eles não podem diminuir, que façam isolamento acústico, pelo amor de Deus.

A vizinhança já diz: "Olha, não adianta reclamar no 156, 190, porque nada é feito, infelizmente". Eu trouxe isso daqui porque eu comecei a anotar os problemas, já vem há muito

tempo. Eu tinha dor de cabeça, dormia. No dia seguinte amanhecia bem. Agora, já não amanheço bem. Agora, de quarta a domingo, o negócio é terrível. Então eu tenho, de 9 de julho para cá, anotado. Quando não tiver aqui é porque eu estava fora, caso contrário, está aí e isso é um terror. Jovens me dizem: “Ai, está difícil viver aqui”. Então eu imploro, nem peço, imploro. Já fiz carta para o Prefeito, porque eu sou sem noção. Eu escrevi para ele, porque não dá para continuar assim, realmente não dá.

Agora, rapidinho, uma reclamação de um rapaz que trabalha na portaria, ali, acho que no número 67 da... o primeiro prédio da Ipiranga, o antigo prédio chamado Redondo, tem moradores de rua ali. Antes a Prefeitura passava uma vez na madrugada coletando, agora ela passa três vezes coletando. Esses dias eu passei, tinha um cara jogando tudo no chão. Falei: “Rapaz, por que você está jogando lixo no chão?” Ele falou: “Eu vou pegar algumas coisas para mim”. Eu falei: “Não, você pode pegar as coisas para você, mas não precisa jogar isso no chão”. Esses dias houve esfaqueamento ali. Madrugada, eles conversam, eles colocam música, cachorro late. O menino... Desculpe, eu falo menino porque ele é bem jovem, ele trabalha ali com a gente há 27 anos. Ele falou: “Pelo amor de Deus, veja o que a senhora consegue realizar”. Então eu tenho pedido muito socorro para a Tenente Maura, que ainda é minha esperança. Se não dá para fazer, onde eu posso recorrer para resolver essa questão?

E quanto à questão dos moradores de rua, o que eu pensei: por que não colocar uns vasos grandes com plantas distribuídos de forma que eles não possam montar? Porque a Prefeitura desmonta, eles vão lá e fazem tudo de novo. Antes eles moravam num cubículo, agora eles moram numa mansão. Eles colocam o carrinho onde os cadeirantes precisavam passar. Naquelas rampas de cadeirante, eles estão colocando o carrinho deles. Quer dizer, se passa o cadeirante ali, como ele vai fazer? Então, por favor, gente, está difícil.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Dona Juvercina, passa para aquele rapaz de branco ali o endereço dessas questões, que a gente encaminha. Inclusive quem tiver problema, questão de ruído alto e que ainda, de repente, não entrou no Ministério Público, nosso jurídico pode encaminhar isso, está bem? Então passa para ele os dados todos ali, que a

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 40 DE 59

gente... Inclusive acho que a gente tem que, talvez, fazer uma avalanche no Ministério Público, para eles verem que os problemas não são pontuais, acontecem a todo momento, e que essa discussão tem que ser levada de uma forma mais séria. Tudo bem?

A SRA. JUVERCINA - só complementando, eu entendo que o bar gera lucro, bar gera emprego, mas nós pagamos impostos também.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Não, mas não vai fechar, mas é igual você falou, tem como fazer...

A SRA. JUVERCINA - Um isolamento. Por favor.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - ... isolamento acústico, criar uma solução.

A SRA. JUVERCINA - Obrigada, gente. Desculpa pelo desabafo. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Próximo, Daniel. Depois do Daniel é o Hugo.

O SR. DANIEL FANTINATI - Boa noite... boa tarde... boa noite... Já estou... acho que eu estou de ontem, ainda. Então boa tarde a todos. Boa tarde, Vereador. Agradeço à Mesa.

Meu nome é Daniel Fantinati. Eu participo da Associação de Moradores da Rio Claro, Pamplona e Itapeva. Nosso movimento é relativamente simples, mas o problema é de longo prazo. Então é interessante a gente ver que o *modus operandi*, os problemas são realmente sempre os mesmos. Quando a gente se une, a gente vê a força que a gente tem e os problemas que a gente tem que enfrentar. E os problemas ficam mais fáceis de serem enfrentados quando a gente se une.

Então foi bem sintomático, porque eu conheci o Marcelo numa situação bem inusitada. A gente estava numa situação de rua, a Prefeitura estava triturando árvores na rua. Eu falei: "Marcelo, você que é do ruído?". Ele: "Sim, sou eu", nessa situação que a gente nem conseguia conversar. Conheci a Jupira, conheci diversas pessoas, a Rafaela, o pessoal da Célia Marcondes, todos os outros movimentos, a Barbara. Conhecer a Barbara foi bem sintomático também. Eu falei: "Barbara, eu fiquei surpreso em descobrir como o Anhangabaú estava

afetando, e a gente escutava da Avenida Paulista”. O Fabinho, do Pacaembu. Todos esses problemas se repetem.

No nosso caso, a gente teve uma obra em que foram removidos 500 mil caminhões de terra, 24 horas, sete dias por semana, durante 12 anos. A gente falou: “Nossa, realmente a obra acabou, problema de obra, problema de barulho”. E começaram os eventos. É o Complexo Cidade Matarazzo, onde têm hotéis, restaurantes, bares. Então são eventos sete dias por semana. A gente tem três casamentos simultâneos, e começa todo esse impacto.

Mais de 500 solicitações para o PSIU. A gente nunca foi atendido, não houve uma única fiscalização, porque é um poder econômico importante para a Cidade, responde para a Subprefeitura da Sé. Então a gente vê como esses interesses jogam o jogo dentro da Prefeitura também. Daí começam as questões de licenças, alvarás. Não existe fiscalização. Eles pedem licenças para eventos para 250 pessoas, com três casamentos de grande porte simultaneamente. A gente leva isso para a Prefeitura, a Prefeitura se exime completamente da sua responsabilidade, Vereador. Completamente.

Questão de ruído, barulho, todos aqui, a gente leva as demandas para o Ministério Público, sobrecarregamos o Ministério Público, sobrecarregamos o 190 e polícia. Tivemos Conseg hoje, centenas de milhares de reclamações, todo dia, de final de semana. A polícia poderia estar fiscalizando, combatendo crime. Não, não consegue, simplesmente, fazer nada porque não é do escopo deles. Eles ainda fazem muito de ir conversar com os bares, restaurantes.

Então a gente vê que o problema é tão sistêmico, e no final é simples, são os geradores de ruído. Não adianta a gente distribuir cinco milhões de janelas antirruído, não vai resolver o problema da Cidade. É a fonte geradora de ruído, aprendi com a aula do IPT. Existe uma coisa chamada volume. Simples assim, entendeu? De novo, a população não é contra a cultura, mas é controlar isso. Você quer ter teu restaurante, sua casa de *shows*? Tenha isso com isolamento acústico, não impactando os seus vizinhos.

De novo, a gente fez milhares de reuniões com Subprefeitura, Prefeitura, órgãos

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 45

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 42 DE 59

públicos. A partir desse momento a gente vê que isso não é classe social, não é rico e pobre, não é direita e esquerda, é um problema sistêmico da cidade. A gente, como população, como cidadãos, deve se juntar.

O trabalho maravilhoso que o Marcelo está fazendo é saúde pública, pessoal. Sabem? A gente não consegue mais dormir. Não consegue trabalhar. Não consegue descansar. As pessoas construíram um patrimônio. Só têm aquele imóvel. Precisam viver ali. Não têm dinheiro para se mudar. É igual ao caso das arenas. Eu não vou simplesmente me mudar, ir para um lugar e resolver o meu problema. O problema é sistêmico. É crítico. É grave. Como sociedade, como vamos resolver isso?

Então, de novo, só para resumir a questão da fiscalização e dos alvarás, é tudo. Precisa existir uma medida sistêmica que ataque todos esses pontos. Está bem?

Eu agradeço, novamente.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Sr. Daniel, se quiser, o mandato se dispõe a fazer um ofício para o PSIU. Vocês nunca conseguiram o PSIU?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Então, não deveria ser assim, mas, como está desmontado, ofício de Parlamentares eles estão atendendo. Se quiser deixar o contato ali e se vocês não entraram no MP, também, a gente se dispõe a colocar nosso jurídico para isso. Está bem?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - A gente também pode entrar. Não deveria ser assim, mas, quando é de um Vereador, acaba tendo um pouco mais de peso, também, em outros órgãos. Está bem? Então, a gente se dispõe a fazer isso.

Será o Sr. Hugo, agora, e a próxima é a Sra. Ana Natali.

O SR. HUGO HIDEAKI TAMADA - Boa tarde. Eu sou Hugo. Eu faço parte do Movimento pela Paz e Segurança do Belém. Sou conselheiro participativo na Subprefeitura da Mooca e também faço parte da mesa diretora do Conseg do Belém. Quero agradecer o convite

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 46

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 43 DE 59

e saudar o Sr. Vereador, os representantes da Mesa, na pessoa do Marcelo, e os demais representantes.

Como o Vereador falou, a perturbação do sossego não está somente no Centro. Está lá, na zona Leste, também, no Belém. Lá, a gente tem alguns lugares mais específicos, que são os que estão causando perturbação de sossego. Eu especialmente sou morador da rua Intendência, que o senhor deve conhecer. Lá, a gente tem a Camisa 12 e a União dos Operários, que é um CDC. Há outro CDC, também, que é de uma empresa. Porém, nesse caso, a gente conseguiu conversar com a empresa e já melhorou. Também há a questão da Nelson Cruz, que é uma comunidade.

Contudo, ali, mais especificamente, a gente também tem o Parque do Belém, que tem algumas espécies de animais mais específicos do local. Temos morcegos frugívoros, que são silvestres, que acabam se movimentando até pelo bairro, pela questão da perturbação de sossego. Há alguns outros animais, também, no parque, que são afetados por queima de fogos da Camisa 12, que está ali.

Mais especificamente, lá, a gente está tendo problemas de perturbação de sossego quase a semana toda. A gente só não tem na segunda-feira. Na terça-feira, há ensaio de escola de samba, pois o Carnaval já começou, querendo ou não, com os ensaios. Na quarta-feira e na quinta-feira, há jogos. Então, vira e mexe, eles soltam rojões, também, na quadra. Na quinta-feira, já começa, também, o samba na União dos Operários, que é o CDC. Na sexta-feira, também. No sábado, voltam os ensaios da escola de samba e no domingo também há festa nesse clube.

Todos esses espaços são de concessão pública. Então acho que seria interessante ver a regulação desses espaços, porque acredito que está fugindo da questão da concessão desses espaços públicos, também.

Não sei se vocês viram, mas, nessa semana, o Prefeito deu uma entrevista no *Pânico* e foi citada a questão dos vulneráveis, os moradores de rua que saíram da cracolândia e tudo mais. O pessoal citou o Belém, pois é um dos problemas do bairro. Entretanto, a cabeça do

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 44 DE 59

Prefeito está tanto nessa questão de eventos que, quando eles citaram Belém, ele diretamente ligou a Belém do Pará, na COP30. Então você vê a questão, assim. Qual é a preocupação deste governo do Prefeito? É somente eventos? Perturbação de sossego?

Eu quero parabenizar o Marcelo pela coragem e toda a liderança, também. Eu já o conheço de longa data, pois a gente já foi contemporâneo, na época de colégio. Então ele já era uma liderança naquela época, também, na época do grupo escolar e tudo mais.

Agradeço, também, mais uma vez, ao Vereador, pela palavra. Muito obrigado. Também quero fazer um convite. Quando o senhor conseguir o medidor de volume, também vá lá, ao Belém.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Está bem. Deixe o seu contato ali e a gente vai, com certeza, com o Ivan.

Então, agora é a Sra. Ana, e a próxima é a Sra. Hélia.

A SRA. ANA NATALI - Olá a todos. Meu nome é Ana Natali. Eu sou presidente do Conseg do Belém - estagiária, porque é o meu primeiro mandato e eu estou começando agora no Conseg. Também, como uma liderança da sociedade civil do Belenzinho, que é um bairro que foi formado a partir da instalação da primeira indústria após a revolução industrial. A primeira indústria do Brasil foi colocada lá e hoje a gente tem um patrimônio histórico no Belém que se chama Vila Maria Zélia. Até a Vila Maria Zélia, patrimônio histórico, está sendo infectada com o problema de perturbação de sossego em área pública. É um patrimônio histórico tombado. Assim, o problema, quando fica velho em São Paulo, vai para o Belenzinho. Então, nós estamos lá, com esse problema da perturbação de sossego.

Eu agradeço a todos os colegas, ao Marcelo e a todos vocês que estão à Mesa, porque eu estou aprendendo com vocês. Esse problema chegou recentemente lá. Aprendi com o Moreirão que a diferença entre pancadão e *funk* é que um tem alvará para acontecer e o outro não. O problema foi discutido muito bem pelo IPT e eu recomendo que todos assistam a esse documento que está dentro do *site* de saúde pública.

Saúde pública é uma preocupação do Conselho de Segurança, sim, porque eu

trabalho com música clássica e sei quais são os efeitos das ondas sonoras, dos cumprimentos de ondas de cor. Há a cromoterapia. Existem formas de você curar pessoas com cumprimentos de onda produzidos por cores, por luzes.

Então nós temos um parque com morceguinho, com sagui, com pica-pau, com pássaro azul, que está sendo infectado e prejudicado, inclusive. Sr. Professor, nós vamos usar muito o seu gabinete no sentido de fazer a educação da população infantil e adolescente, porque a parte adulta está difícil. Eu vejo, lá, no Conseg, a dificuldade de as pessoas entenderem que o som grave, diferente do agudo, tem um impacto que gera esse problema de adrenalina e serotonina.

Como Presidente do Conseg, eu tenho um grande problema no Belém, que são as drogas. Drogas não são uma coisa específica de pessoas em situação de rua. Existe a compulsão de usar droga, também a partir desse tipo de música, nesse som violento, de decibéis absurdos. Então o consumo de drogas está aumentando e, se continuar esse tipo de eventos, nessa proporção, gente, já é uma pandemia. É uma epidemia, no mundo, de derivados de cocaína e São Paulo vai ficar uma coisa absurda. Que tipo de economia a gente quer promover com esse patamar de decibéis? A gente está chegando, já, dentro de uma coisa com que a gente está querendo acabar, que é essa questão de facções, tráfico de drogas e aumento cada vez maior de drogas.

Então, como todos já falaram de tudo e eu não tinha mais o que falar, acho que, como complemento, considerando o fato de eu ser da área do Conselho de Segurança, vou colocar esta questão para as pessoas refletirem: o consumo de drogas, promovido a partir de estímulos no organismo gerados por sons, cumprimentos de sons e volumes nessa altura.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado. Agora, então, é a Sra. Hélia. Depois, será a Sra. Délia.

A SRA. HÉLIA - Boa tarde a todos. Eu me chamo Hélia e eu vim falar de um assunto de que todo mundo já falou, mas cada um tem o seu sofrimento por questões da poluição sonora, cada um sofrendo com essa doença.

A pandemia deixou a gente em uma questão bem complicada e hoje eu sofro resquício da pandemia. Então eu fui morar onde o meu bolso cabe pagar. Dois anos atrás, eu me mudei para o Morro dos Ingleses e vou falar uma coisa que acho que todo mundo falou, de caixa de som na rua. As pessoas vão fazendo bares na rua e não sei o quê. A gente está se sentindo tão abandonado, tão esquecido pela Prefeitura, e eu vou falar, agora, de casa noturna, gente. Não é fechar as casas noturnas. É o cuidado com os vizinhos.

Essa casa noturna, que é na Treze de Maio, 830, é uma boate que comporta mais ou menos 400 pessoas e os eventos de maior intensidade e maior barulho acontecem a partir da 1h da madrugada até às 5h. Eu moro atrás. Eu não moro na Treze de Maio. Eu moro na Rua dos Ingleses e está causando impacto muito forte na minha vida. Eu estou uma pessoa doente, porque eles não têm isolamento acústico. Não respeitam a vizinhança. Eu fui levar o dono dessa casa para ele ouvir o barulho que ele faz na minha casa, mas tem uma coisa: se é uma mulher, uma senhora, uma negra, que está falando, ela tem que morrer, porque a falta de respeito é total.

Quando eu ouvi falar desta audiência, eu falei: é uma oportunidade de a gente falar. O Bixiga é esse bairro que eu adoro. A questão da poluição sonora está sendo uma coisa muito complicada. Eu estou falando dessa casa. As pessoas estão se sentindo tão à vontade, porque não há fiscalização noturna. Nessas casas noturnas, foi abrindo mais.

Essa casa, especificamente, de que eu estou falando, chamada Mundo Pensante, na Treze de Maio, 830, não tem isolamento acústico para comportar uma casa grande com 800 lugares, com 800 comportamentos. Então as pessoas que moram em torno delas têm que morrer. Para eles, é uma coisa normal, porque o importante é ganhar dinheiro. Respeito: zero - a preocupação com o vizinho, também. Então eu só vou dormir às 5h, quando o Sr. Fulano resolve fechar a casa dele. Isso não é normal.

Aí, de ouvir tanto isso e aquilo, às vezes, há uma hora em que a gente pensa: será que sou eu, sozinha, que estou ouvindo isso? Na verdade, eu estou ficando doente. Como eu acabei de falar, eu não tenho dinheiro para sair e ir para um lugar mais silencioso, em que eu tenha paz, cuidar da minha saúde. Como vocês estão vendo, eu sou uma jovenzinha e,

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 47 DE 59

independentemente de você ter 20 ou 70 anos, a preocupação pelo entorno é fundamental.

Não é fechar as casas. É o isolamento acústico. É isso o que está faltando.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado, Dona Hélia. Se quiser, também, depois, deixar o contato, a gente pode mandar um ofício, Dona Hélia, para a Subprefeitura, para fazer uma fiscalização, para que se veja a questão do isolamento acústico. Depois, se não se tomar providência, a gente também entra no Ministério Público. Está bem?

Então, agora, é a Sra. Délia. Depois, será o Sr. Tim Ernani.

A SRA. DÉLIA GOLDFARB - Boa tarde a todos. Eu quero, antes de tudo, agradecer aos companheiros que me antecederam no uso da palavra, tanto da Mesa quanto companheiros do público, porque estou aprendendo muito. O meu nome é Délia. Eu sou de uma associação de bairro recentemente formada, que é a Associação Amigos da Vila Anglo. Lá, na Vila Anglo, o que temos, fundamentalmente, é problema com os barzinhos. Ainda não nos impactam tanto os grandes eventos, mas pode vir a acontecer a qualquer momento.

Eu sou vítima de abuso sonoro e eu uso a palavra “abuso” porque acho que “perturbação” ou “incômodo” são suaves demais para o que a gente sofre. Eu não me sinto incomodada. Eu não estou perturbada, no sentido psíquico da palavra “perturbação”. Eu, sinceramente, estou me sentindo abusada na minha dignidade.

Eu sou psicanalista e sou gerontóloga. Trabalho com pessoas idosas portadoras de demência e quero enfatizar esse fator. Temos que tomar muito cuidado porque a população idosa é a que mais cresce no município de São Paulo. Isso está nos últimos dados do IBGE. Como tal, é só perguntar, no bairro em que a gente mora, quantas pessoas demenciadas há e você vai ver que há, no mínimo, numa quadra, com uma população idosa como a da Vila Anglo, por exemplo, dois ou três. Essas pessoas entram em crises muito graves por causa do abuso sonoro.

Só queria falar isso e dar essa ênfase, porque todo o resto que eu teria para falar já foi falado - e muito bem falado.

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 48 DE 59

Eu agradeço demais. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado. Então, agora, é o Sr. Tim. Depois, a próxima será a Sra. Olívia.

O SR. LUIZ TIM ERNANI - Boa tarde a todos. Meu nome é Luiz, mas todos me chamam de Tim. Eu sou produtor cultural. Então, a princípio, eu venho falar em nome do barulho, porque supostamente eu sou um produtor de barulho. Eu sempre começo essa fala, brincando, nas reuniões do Conseg.

Eu produzo vários eventos. Não é, Tais? Vou só falar uma coisa: a montagem que nós fazemos do bolo do Bixiga nem se compara com uma montagem de uma WTorre. O evento que eu produzo no Bixiga se chama Escadaria do Jazz. É um evento que acontece na escadaria do Bixiga desde 2014 e é interessante pelo seguinte: eu vejo as pessoas falando que não há fiscalização.

Na última reunião do Conseg, a gente ficou sabendo de um número interessantíssimo: o PSIU só tem 21 agentes. Agora, parece que houve uma contratação, um remanejamento, alguma coisa assim, e há mais alguns. Os 21 serviriam só para a Bela Vista, segundo o capitão da polícia.

O evento que eu produzo funciona assim: ele começa, pelo menos, um mês e meio antes, correndo atrás de apoio. Ele é um evento que mexe com as estruturas do bairro. Ele ativa o comércio e é um evento comunitário. Somos moradores do bairro, temos filhos no bairro. O evento que produzo está abaixo de um hospital infantil, que é o Hospital Menino Jesus, ali em cima, na Rua dos Ingleses.

Não temos uma reclamação no Conseg. A Polícia Militar não é acionada para nós. A nossa licença vai da meia-noite até às 10h. Começamos a montagem a partir das 7 da manhã. Às 8:00, nós encerramos. Não temos uma reclamação no Conseg. Ninguém aciona a Polícia para nós. Respeitamos, passamos o decibelímetro no hospital, montamos o evento em silêncio, e ele é um dos eventos mais queridos do bairro, assim como um monte de outros eventos queridos no bairro.

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 49 DE 59

Temos total apoio da comunidade, porque nós somos a comunidade. O filho do meu vizinho é o meu filho. Ele estuda na mesma escola que o meu filho.

Quando não conseguimos, que seja, um documento, não conseguimos produzir o evento. Quando não conseguimos apoio, não conseguimos um apoio que é reconhecidamente aprovado, apoiado, querido pelo bairro.

Sabe quantos eventos produzimos neste ano? Nenhum.

Então a fiscalização funciona assim. A Polícia funciona assim. A Guarda Civil funciona assim. Mas a questão é: para quem funciona? Porque quando acionamos por uma série de problemas que, às vezes, temos, não vai. Mas quando uma única pessoa aciona, aí chega.

É só para deixar essa reflexão, porque tem muita gente boa fazendo muito trabalho bom, sendo apoiado pela população, mas marginalizado pelo mesmo Poder Público que é o que vocês estão falando aqui, que é a razão desta audiência. É só para defender, porque tem gente boa fazendo e dando exemplo, mas que - ao mesmo tempo - é marginalizado pelo sistema.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado, Sr. Ernani.

Agora é a Sra. Olívia que não está. A próxima, Sra. Viviane Cabral, e depois, Xisto Costa.

A SRA. VIVIANE CABRAL - Obrigada. Bom dia a todos. Gostaria de cumprimentar a Mesa, nobre Vereador. É uma satisfação poder estar nesta manhã, agora já tarde, avançando para este evento tão importante para um assunto tão caro para todos nós.

Vou pedir licença para fazer uma leitura, porque eu vim preparada para esta audiência. Vou pedir licença para dar voz àqueles que nunca produzem ruídos, mas, sim, os mais belos sons, que são os animais. E eu vou cá, Anhangá, não é, Cláudia, para que siga protegendo-os e a todos nós que, biocentricamente, dividimos os mesmos espaços com eles, na natureza, nos biomas e nas cidades.

E como tudo se converge, não é Marcelo, os mesmos danos que nos impactam, impactam também todos os seres vivos. Eu vou citar primeiro o quanto os ruídos e vibrações também, nas cidades, impactam os animais domésticos.

Em primeiro lugar, estresse e ansiedade crônica. A exposição constante a sons urbanos, como trânsito, obras, alarmes, *shows*, pancadões, fogos de artifícios, ativa o sistema nervoso dos animais, resultando em liberação elevada de cortisol, o hormônio do estresse, que pode elevar o estado de alerta constante, inclusive à morte.

Problemas comportamentais: o medo e a ansiedade podem se manifestar através de comportamentos como agressividade, apatia, esconderijo excessivo, latidos, miados incessantes e até mesmo automutilação, danos físicos e problemas de saúde, ruídos extremos, como fogos de artifícios com estampidos podem causar traumas auditivos em casos graves, levar a ataque cardíaco, infartos e outras emergências médicas. Muito similar ao que nós vivemos, não é? É o que estamos percebendo aqui.

Sistema imunológico: ambientes barulhentos também podem prejudicar o sistema imunológico dos animais, altera completamente o sistema de defesa nosso e dos animais.

E agora, o quanto impacta a fauna silvestre. Interferências na comunicação, não é? Então temos ave-fauna, uma série de animais na nossa fauna urbana, problemas de reprodução que também afetam a nós, foi citado aqui hoje, aumento do estresse, enfraquecimento do sistema imunológico, também alterações comportamentais, dificuldade em encontrar alimento, alterações espaciais de deslocamento.

Eu estava assistindo, antes de chegar aqui, a um Fórum Internacional sobre colisão de aves em vidraças. Isso mostra também que o som afeta completamente esse deslocamento dos animais da ave-fauna e que faz com que esses choques em vidraças aumentem substancialmente. Então, realmente, os danos são enormes.

Vulnerabilidade a predadores, danos físicos, mentais e comportamentais e alterações evolutivas. Mudamos a evolução das espécies completamente.

Então para terminar, de modo geral, as alterações metabólicas, fisiológicas, mentais e a morte de espécies silvestres e, também, de espécies domésticas, além dos efeitos para os indivíduos em si e os impactos para a conservação das espécies compromete ainda a manutenção das áreas verdes remanescentes do bioma - em São Paulo, a nossa já tão dizimada

mata Atlântica. Como disseminadores de sementes sentinelas, reguladores vitais para o equilíbrio dos ecossistemas, em última instância, a liberalidade, a não regulamentação, a não regulação, a não aplicação, a não fiscalização, a não punição pelos órgãos competentes, a passividade e o conformismo da sociedade diante dos ruídos provenientes de trânsito, obras, *shows*, pancadões, fogos de artifícios afetam, em última instância, a vida nas cidades, a própria subsistência das pessoas, cujas saúdes física e mental, inequivocamente, ceifam vidas, oneram o sistema de saúde, afetam a empregabilidade e aumentam a violência.

O que estamos fazendo hoje aqui é um exercício importantíssimo. Agradeço mais uma vez ao nobre Vereador.

E mais que evocarmos Anhangá, que nós sejamos então Anhangá.

Obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Hugo, depois, se você puder passar também para nós os endereços aonde soltam fogos, tudo mais. Tentamos também lá, porque fogos que fazem barulho estão proibidos desde 2018. Então tem como...

O SR. XISTO COSTA - Primeiramente, boa tarde a todos.

O que vou colocar aqui é uma questão bem rápida, porque tudo o que ouvi aqui, nós, como cidadãos, passamos isso no dia a dia e cabe aos nossos legisladores aqui dentro tomarem atitudes, que a partir do momento que se toma atitudes, eu acho que o nosso Estado de São Paulo, eu vou dizer, num modo geral, consegue seguir.

Mas a minha história é bem simples. Vou tentar ser bem resumido.

Levanto às 4:30 da manhã, saio do quilômetro 23 da Anhanguera, pego um ônibus lotado e vou chegar numa pessoa que eu amo. Pego esse ônibus, venho, ando até o Centro de São Paulo, gasto 1 hora, 1 hora e 20. Terça-feira para quarta; segunda para terça, que maravilha. Consegui dormir.

Volto para casa numa terça à noite, ou numa quinta à noite, ou numa sexta, num sábado, o que for, estou trabalhando. Saio do Centro de São Paulo, levo 2 horas e 40 minutos para chegar.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 55

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 52 DE 59

Pessoal, vocês já imaginaram o trecho quando termina o Minhocão para chegar até a Avenida Pompeia, o inferno que é o trânsito por causa dos *shows*, por causa dos eventos? Só que o pessoal que está ganhando está se esquecendo de que lá dentro tem trabalhador. Tem sabe quem? O meu pequenininho, que tem o espectro do autismo, que pega um ônibus que fica quase 2 horas parado, 40 minutos, porque não consegue passar, porque não tem um ser convivente que possa controlar esse trânsito e se tem, não sei o que está acontecendo, o que está fazendo, certo. E volto, quando chego em casa, porque estou conseguindo batalhar, fazer os tratamentos dele.

Aí, chego no meu bairro, tenho uma senhora que tem dor de cabeça, tenho uma senhora que está acamada, tenho uns pais de família que são doentes, eu tenho tantas pessoas nos bairros. Agora estou falando de um modo geral, que quando tentam descansar, após as novelas, que seja, ou até antes, começam as benditas motos aceleradas nas ruas, os pancadões que começam na quinta, que antigamente não se tinha. Agora é quinta, sexta, sábado e domingo. Se folga na segunda, porque acho que é dia de feira, que é o descanso do pessoal da feira. Então está seguindo isso.

Olha a mentalidade que está o nosso Estado. Quando eu falo nosso Estado, é no modo geral.

E hoje, pessoal, peço aqui Vereador, eu sei que tem muitos e é até vergonhoso não ver nenhum representante do nosso PSIU, Sr. Prefeito, porque se tivéssemos uma fiscalização que fosse capacitada, treinada para que fossem cumpridas determinadas leis, acho que não estaríamos com tantas demandas sendo discutidas.

Hoje, deixo as lágrimas em protesto, brigando não só pelo meu netinho que tem o autismo. Vocês já imaginaram o que é um pai ou um avô dentro de Casa, quando começa o pancadão, barulhão, até as motos aceleradas? A criança começa a agoniar-se e a bater no chão, se joga e tal...

Então vou finalizar assim: Prefeito, com a sua turma que você sempre tem ao seu lado, que sempre correm atrás de votos, faço um convite: vamos pegar um ônibus, trabalhar

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 56

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 53 DE 59

como cidadão mesmo, como verdadeiro cidadão do Estado, do município. Vamos trabalhar, vamos pegar o ônibus. Convido até mesmo para ir na minha casa, vamos tomar um café e ficar a noite comigo, ouvindo pancadão, ouvindo uma moto gritando, acelerando e com uma criança, com uma pessoa idosa que está com dor de cabeça do seu lado. Aí, depois você me dá o retorno. Mas me dê um retorno satisfatório, com leis que façam cumprir, com pessoas treinadas, capacitadas e que sejam valorizadas na sua função para exercer e cumprir a lei.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Agora, é o Sr. Igor e depois, o último, Sr. Carlos.

O SR. IGOR SOUZA - Boa tarde, nobre Vereador, nobres representantes aqui dos bairros. Obrigado pela oportunidade. Boa tarde a todos aqui presentes.

Estou aqui para fazer uma reclamação, mas antes de falar, quero dizer que estou feliz em saber que não estou sozinho, porque acabamos nos sentindo sozinhos quando estamos sofrendo essa doença que hoje está nos afetando, que é a perturbação do sossego. Mas triste também por saber que são tantas pessoas que estão sofrendo. E eu sou da região Leste, lá de Itaquera, mas me solidarizo com vocês aqui, da região Central, que estão sofrendo com esses grandes eventos. Nós, da zona Leste, também sofremos.

Vim falar sobre um pequeno empreendimento, igual da W Torre, mas que são empreendimentos que estão sendo, hoje, na cidade de São Paulo, principalmente na zona Leste, casas de evento onde as pessoas comprem e constroem eventos para festas com piscina.

Então são *shows* abertos para essas pessoas, que alugam para pessoas que não tem respeito com os moradores que estão ali.

Moro em uma rua há 36 anos, mas têm moradores lá há mais de 40. Hoje já são idosos que estão sofrendo com barulho e a falta de respeito dos proprietários e das pessoas que alugam.

Venho, nobre Vereador, fazer uma reclamação e um pedido de ajuda, porque nós, moradores, já fomos à Subprefeitura de Itaquera e não temos retorno. E hoje fiquei sabendo que

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 57

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 54 DE 59

o efetivo do PSIU é muito pouco, então isso atrapalha muito e as reclamações que são feitas. Dão baixa nas reclamações, dizendo que não tem nada de errado. Então como que ficamos?

Fiquei até comovido agora com o último colega que falou, porque.... Acho que perceberam, lágrimas nos olhos. E eu me solidarizo, porque tenho minha mãe com 80 anos em casa, sofrendo. Tenho vizinhos com 80 anos, sofrendo com pressão alta. E estão adoecendo.

Eu não tinha problema de pressão alta. Estou tendo ansiedade por conta do barulho que nós passamos o dia todo, porque lá eles hoje ficam até às 8 ou 9 horas. Agora eles nos liberaram. Podemos dormir a partir das 8 horas. Você não pode dormir antes. Se você quiser visita na sua casa, você não pode dormir antes, tem que dormir depois que eles terminam a festa deles. Eu acho um absurdo. Então não adianta. Liguei, no domingo, cinco vezes para o 190 e não tive retorno. Eles falam que não podem entrar e temos que nos identificar. Mas quando nos identificamos, essas pessoas que alugam, falam que eles são donos do lugar e quem manda lá são eles. Foi isso que tivemos que ouvir. Temos medo e receio. Vizinhos têm receio de fazerem a denúncia, porque não sabemos quem são as pessoas que estão abrindo. Estamos reféns desse barulho.

Somos uma população que está adoecendo e como não tem lei, estão abrindo outros lugares em outras vizinhanças que estão sofrendo com o mesmo problema. Queremos, quero em nome do meu bairro,... e fico triste, porque chamei, convidei alguns vizinhos, mas não quiseram vir. Alguns têm medo, com toda razão, entendo, mas eu vim para fazer aqui a minha reclamação, nobre Vereador, para fiscalizar esse tipo de empreendimento que está tendo em São Paulo e está crescendo demais, e que não tem fiscalização. Estamos reféns desse tipo de pequeno empreendimento também. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Viu, Igor, se você puder deixar também o endereço do empreendimento, se é mais que um, lá para minha assessoria, eu agradeceria, porque não dá para fazermos um ofício assim, desse tipo de empreendimento no geral, na cidade. Temos que especificar quais são, entendeu?

O SR. IGOR SOUZA - Entendo. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Se você tiver o endereço, só passe.

E o último é o Carlos.

O SR. IGOR SOUZA - Eu entendo. Eu entendo. Muito obrigado.

O SR. CARLOS - Boa tarde a todos, nobre Vereador, Mesa.

Represento duas entidades das quais faço parte. Sou diretor da Pitch e da Sammorc. Alguém aqui já citou a Dra. Célia Marcondes, sou diretor das duas entidades e advogado das duas também.

Eu queria só fazer coro àquelas pessoas que falaram antes de mim, porque concordo com todas e vejo como resumo o seguinte: a população de São Paulo, hoje, boa parte está sendo torturada, humilhada e abusada. São três adjetivos que eu queria trazer e explicar o porquê da palavra torturada. Porque alguém aqui já disse que uma das mais antigas formas de você torturar alguém é privar essa pessoa do descanso. É manter essa pessoa acordada eternamente, e isso acontece com muitas pessoas, atualmente, na cidade de São Paulo. Abusada porque essas pessoas evidentemente adoecem. Elas não querem passar pelo que elas estão passando. Elas pagam seus impostos, elegem os seus representantes e não recebem de volta um mínimo de dignidade como cidadãos que são. Humilhadas porque isso acontece com o uso do patrimônio público privatizado. Ou seja, é como se essas pessoas fossem torturadas e abusadas com o seu próprio patrimônio, porque o patrimônio público pertence a todos nós.

Eu queria fazer uma diferenciação entre os problemas de som, os problemas sonoros que são advindos de uma situação privada, em que a solução, aí, é tratada pelo direito privado, ou seja, é um direito de vizinhança. Um bar, um café, uma boate que causa problemas para os vizinhos, e um problema quando acontece a partir de uma concessão pública em que o pressuposto seria o cumprimento da lei. Eu...

Eu quero parabenizar o Vereador pela iniciativa desta audiência pública. Vejo que o Vereador representa parte do Poder Legislativo, mas os dois outros poderes que compõem a nossa organização administrativa, social, não estão presentes, embora sejam igualmente

importantes. Na verdade, seria muito importante que, além do Vereador, tivéssemos a maioria dos Vereadores presentes também nesta audiência, demonstrando o valor que eles dão para a população de São Paulo. Mas o que a gente percebe é que a ausência da maior parte dos Vereadores hoje demonstra o não valor que eles dão à população de São Paulo. Ou seja, neste momento a população está à deriva, lutando sozinha, clamando, brigando, reclamando, chorando e pedindo auxílio à sensibilidade do único Vereador que se apresentou aqui, pelo menos na frente da população, para dizer “Ok, vamos fazer alguma coisa”. Mas e o Poder Judiciário e o Poder Executivo, por que não estão aqui? Porque esse assunto não interessa a eles; porque eles não valorizam, como deveriam, o bem-estar da população.

Só quis fazer um fecho e um apanhado geral chamando a atenção para esses pontos e me colocando à disposição para o que nós pudermos ajudar nesta luta tão difícil, que é a luta pela cidadania.

Quero só comentar sobre a concessão das vias públicas para eventos públicos. O uso da via pública para eventos públicos, que vai gerar impacto sonoro, poluição sonora para a população em geral, deveria ser extremamente rigoroso, e não é. Ou seja, por que é que não se cobra? Por que a política pública faz vistas grossas para isso? Por que é que a política pública não faz a contratação de mais fiscais? Por que temos tão poucos fiscais? O nosso problema não é falta de legislação nem de regulamentação. O nosso problema é a execução da legislação, que não é feita propositalmente. E isso, certamente, leva a problemas de prevaricação para os agentes públicos que deveriam agir, e não agem. Por que o Judiciário não está agindo nesse ponto? São essas as reflexões que eu gostaria de deixar na minha fala. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - Obrigado, Carlos. Mande um abraço grande à Célia também. Nós brigamos muito juntos pelo Parque Augusta, com o Natalini, nesta Casa. O Fábio só vai fazer umas considerações finais, e a gente encerra.

O SR. FÁBIO CABRAL - Falarei rapidamente, Vereador. Obrigado pela palavra. Diante de algumas das manifestações, eu me recordei de que fui conselheiro participativo municipal pela Sé entre 2020 e 2025. Foram cinco anos dedicados voluntariamente à cidade de

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 60

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 57 DE 59

São Paulo, assim como outros conselheiros participativos que já falaram, como o João Moreirão, que continua. Fui conselheiro também do Conselho Municipal de Política Urbana e ainda sou conselheiro da Comissão de Proteção à Paisagem Urbana.

O que a gente vê acontecendo nos conselhos é que, literalmente, a problemática da cidade e as autorizações não passam por nós, conselheiros participativos. E, quando chegam a nós, são aparelhadas. Existe uma formação e praticamente um objetivo de tornar os conselhos inoperantes. Não são apenas os Consegs que passam por esse problema: os Conselhos Participativos também têm esse problema.

As demandas da população chegam ao Conselho Participativo o tempo inteiro. Isso é encaminhado para as subprefeituras, onde os conselhos são alocados. No entanto, eu sempre lembro que o Conselho Participativo não é de uma subprefeitura. Ele é da área de abrangência da subprefeitura. Ou seja, ele é um organismo autônomo da sociedade civil. Então é importante a gente também ter esse prestígio, trazê-los para a discussão aqui, procurar os nossos representantes e também fortalecer os Conselhos Participativos.

Outra questão. Eu até me recordo, justamente desse período em que fui conselheiro participativo, que em 2021, durante a pandemia, foram promulgadas duas leis, uma delas a Lei nº 17.389/2021, que proibia fogos de artifício com estampido, na cidade de São Paulo. Essa lei, que falava inclusive dos danos aos animais e à saúde das pessoas, foi alterada em 2024 pelo decreto regulamentador 69.267, fazendo uma diferenciação, vamos dizer, extremamente duvidosa, estranha. Definiu-se que fogos de vista - ou seja, aqueles que não produzem estampido - podem ter o ruído até 120 decibéis medidos a 100 metros de onde os fogos são deflagrados. Ou seja, se você está em um raio de 100 metros, podem ficar nesse raio 120 decibéis. Isso foi regulamentado agora, em 2024, pelo Governo do estado. Um decreto regulamentador.

Outra questão falada hoje foram as obras. Eu não quero entrar tanto em legislação, mas já que a gente está em uma Casa Legislativa, lembro que tem um decreto também de 2021, também durante a pandemia, que regulamenta o ruído em obras, o Decreto nº 60.581. Vereador,

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 61

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 58 DE 59

é importante talvez trazer para a Casa a discussão desse tema, porque é um decreto produzido pelo Executivo, que não foi tratado na Câmara Municipal. Ele define o seguinte - vejam só o absurdo -: que, das 7 horas da manhã até as 19 horas, de segunda a sexta, a produção de ruído de obra pode chegar a 85 decibéis LAeq, que seria a média. Então, isso é mais perigoso. Ou seja, você pode ter picos acima desse valor ou abaixo. E aos sábados, das 8 horas às 14 horas, também 85 decibéis. Depois das 14 horas de sábado até o domingo e em feriados, você está limitado a 59 decibéis, o que também está acima do que prevê a Organização Mundial de Saúde como limite saudável para a população. Lembrando que o PSIU hoje, apesar de ter um incremento de 35 fiscais, têm alguns fiscais que são da área administrativa, e alguns não atuam de madrugada.

Quando a gente tem um problema de noite, para quem a gente liga? Para a polícia, que funciona 24 horas. Por que a fiscalização da Prefeitura não funciona 24 horas? A cidade não existe à noite? (Palmas) A cidade funciona à noite, os estabelecimentos funcionam. Então a fiscalização tem que ser noturna também. Esse dado só traz a gravidade do que a gente está vivendo na cidade, por conta dessa possibilidade de as obras acontecerem, inclusive as obras públicas, que às vezes, não sendo emergenciais, também acontecem no período noturno. Era só isso. Obrigado, Vereador. (Palmas)

O SR. MARCELO AQUILINO - Pessoal, só queria fazer um convite mesmo. Existe o Poder Público, mas existe um poder popular. Nós estamos, como Frente Cidadã pela Despoluição Sonora, unindo os movimentos de moradores da cidade toda, e agora do país, para resolver essa questão da poluição sonora como um problema de saúde pública. Então, eu convido a todos os que estão nos ouvindo também pelo YouTube, pela Rede Câmara para que, por favor, se envolvam. Entrem no *site* www.despoluicaosonora.org, acessem <https://www.instagram.com/despoluicaosonora/>. Nós temos também o canal no YouTube com vários materiais audiovisuais importantes sobre o tema. Se envolvam. Nós não precisamos nos colocar apenas numa posição de vítimas de um problema. A população, a sociedade civil organizada pode ter um poder muito forte de mobilização, de organização, como agente do jogo

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO – SGP.4
NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO

fls. 62

REUNIÃO: 21587 DATA: 06/12/2025 FL: 59 DE 59

democrático, ajudando o Poder Público a resolver um problema que, como nós vimos, ele próprio tem criado e estimulado. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) - O material desta audiência pública será enviado ao Prefeito, à Cetesb, ao Ministério Público, ao Subprefeito da Sé e ao Secretário das Subprefeituras, Fabricio Cobra.

Acho que é isso. Como já foi falado, não adianta pensar tantas leis novas. Acho que a legislação já abarca, já consegue resolver entre 80% e 90% dos problemas. O que a gente deve é fazer funcionar a lei. Vamos brigar para isso, está bem?

Declaro encerrada a audiência pública. Um abraço a todos e todas.